



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**TRANSGERACIONALIDADE DA PESCA:
TRANSMISSÃO, PERMANÊNCIAS E VICISSITUDES
DA TRADIÇÃO PESQUEIRA NA CIDADE DE PORTO SEGURO - BA**

DANILO SANTOS RIBEIRO

**Foz do Iguaçu
2017**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**TRANSGERACIONALIDADE DA PESCA:
TRANSMISSÃO, PERMANÊNCIAS E VICISSITUDES
DA TRADIÇÃO PESQUEIRA NA CIDADE DE PORTO SEGURO - BA**

DANILO SANTOS RIBEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito de avaliação para a disciplina TCC IV.

Prof. Orientador. Dr. Andrea Ciacchi.
Prof.^a. Coorientadora. Dr.^a Senilde Guanaes

**Foz do Iguaçu
2017**

DANILO SANTOS RIBEIRO

**TRANSGERACIONALIDADE DA PESCA:
TRANSMISSÃO, PERMANÊNCIAS E VICISSITUDES
DA TRADIÇÃO PESQUEIRA NA CIDADE DE PORTO SEGURO - BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito de avaliação para a disciplina TCC IV.

Prof. Orientador. Dr. Andrea Ciacchi.

Prof.^a. Coorientadora. Dr.^a Senilde Guanaes

BANCA EXAMINADORA

**Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi
UNILA**

**Coorientadora: Prof. Dra. Senilde Guanaes
UNILA**

**Prof. Dra. Angela Maria de Souza
UNILA**

**Prof. Dra. Silvia Lilian Ferro
UNILA**

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos que foram o suporte nos dias difíceis, nos dias em que parecia complexo ser pesquisador, mas que independente das situações proporcionadas pela pesquisa, foram além de suporte, cúmplices. A paciência exercida pelos meus colegas, em ouvir-me, conversar e trocar ideias da pesquisa durante a madrugada, ainda que distantes (Carmem e Carol) e aqui eu agradeço à Marcelle pelas suas dicas e paciência para correções, e claro, pelos risos garantidos. Agradeço também ao companheirismo da Tavitane, meu suporte emocional, como também aos meus amigos de reflexão nos momentos difíceis (a Paulinha da Av. Brasil entre outros) que me levaram a ver a pesquisa com outros olhos e a relaxar nos momentos de tensão. Aos meus orientadores, que me levaram a ter uma grande tensão emocional, mas, que me proporcionaram conhecimento, dedicação e apoio contínuo. Agradeço também aos meus colegas de curso, que em suas qualidades específicas e únicas, propuseram a mim, um tempo gratificante e rico de experiências extraordinárias. Entre tantos outros (...), gostaria de agradecer ainda, aos meus alunos, meus professores, colegas de trabalho, entrevistados (que compartilharam suas experiências de vida comigo), e amigos que de alguma forma colaboraram para a construção desse trabalho, ainda que de formas indiretas. E por último e sem dúvida, aos meus pais, que constituíram a pilastra basilar fundamental da minha luta até aqui, a eles, meu agradecimento por depositarem sua fé em mim. Obrigado!

RIBEIRO, Danilo S. **Transgeracionalidade da pesca: transmissão, permanências e vicissitudes da tradição pesqueira na cidade de Porto Seguro – Ba.** 2017. (75) pg. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Antropologia e diversidade cultural – Latino Americana). Universidade Federal da Integração Latino – Americana – Unila, Foz do Iguaçu, 2017.

RESUMO

Neste trabalho, propus analisar a transmissão da pesca na cidade de Porto - Seguro – BA, ou como convencionou-se a chamar - transgeracionalidade – partindo de um interesse gerado depois de um contato com o curso de Antropologia da Unila. Na gênese de um interesse por temas relativos ao campo antropológico e até mesmo para a construção de um projeto de pesquisa para finalização do curso de graduação, preponderei por pesquisar questões que fossem de proximidade de minha vivência regional, e que estivessem relacionadas ao ambiente de vida e corpus de história no qual cresci. Convicto dessa relação, conjecturei em realizar uma análise dos processos que compõem a transmissão dos saberes da pesca dentro dos ambientes familiares - transgeracionalidade. Para isso, optei por perceber e vivenciar esses saberes transgeracionais através da história da construção de um levantamento presencial da história local e das vidas dos pescadores do lugar transcrevendo e construindo através de contatos com pescadores e filhos de pescadores o corpus dessa pesquisa. Para a realização da mesma, houve a necessidade de uma definição do problema (transgeracionalidade), uma metodologia, contextualização histórica, geográfica e social da cidade e uma percepção real do saber transgeracional das famílias de pescadores litorâneos da cidade de Porto – Seguro – BA.

PALVRAS CHAVE: Pesca, Saber, Transgeracionalidade, Transmissão, Antropologia.

RIBEIRO, Danilo S. **Transgenerationality of the fishing: transmission, permanences and vicissitudes of the fishing tradition in the city of Porto Seguro - Ba.** 2017. (75) pg. Completion of course work. (Graduation in Anthropology and Cultural Diversity - Latin American). Federal University of Latin American Integration - Unila, Foz do Iguaçu, 2017.

ABSTRACT

In this work, I proposed to analyze the transmission of fishing in the city of Porto - Seguro - BA, or as it was called to call - transgenerationality - starting from an interest generated after a contact with the course of Anthropology of Unila. In the genesis of an interest in topics related to the anthropological field and even to the construction of a research project for the completion of the undergraduate course, I will preponderate to research questions that were close to my regional experience, and that were related to the living environment and corpus of history in which I grew up. Convinced of this relationship, I conjectured to carry out an analysis of the processes that make up the transmission of fishing knowledge within family environments - transgenerationality. For this, I opted to perceive and experience this transgenerational knowledge through the history of the construction of a face-to-face survey of local history and the lives of local anglers. Transcribing and building through contacts with anglers and children of anglers the corpus of this research. To achieve this, a definition of the problem (transgenerationality), a methodology, historical, geographic and social contextualization of the city and a real perception of the transgenerational knowledge of the coastal fishing families of the city of Porto - Seguro - Bahia were necessary.

KEYWORDS: Fishing, Knowledge, Transgenerationality, Transmission, Anthropology.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Avenida Portugal – Porto Seguro (1984)	21
Foto 2 - Ponta de Areia. Av. 22 de abril, sem o clube e sem a tarifa. Área reurbanizada para as comemorações dos 500 anos do Brasil.....	22
Foto 3 - Meninos vendendo peixe na Av. Portugal. Vender peixe enfiado numa vara, chamada espicha, que serve para segurar a vela das canoas, era muito comum para crianças e rapazes sem empregos, filhos de pescadores ou não, para reforçar a pequena ou quase nenhuma renda familiar até o turismo se expandir no final da década de 1970.	22
Foto 4 - Vista aérea do centro de Porto Seguro – Porto Seguro (2015).	23
Foto 5 - Tarifa de Pescadores/Vila de Pescadores/ Encontro do Rio Buranhém com o mar– Porto Seguro.	24
Foto 6 - Tarifa de Pescadores – Porto Seguro (2016).	25
Foto 7 - Cidade Alta – Cidade Histórica – Porto Seguro (2013).	41
Foto 8 - Vegetação do meio biótico da Mata Atlântica – (PMMA, 2014).	45

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de localização geográfica de Porto Seguro.	38
Mapa 2 - Mapa adaptado das costas da Bahia (UFBA - IGEO, 2013).	39
Mapa 3 - Mapa das capitâncias hereditárias (2013).	40
Mapa 4 - Localização Costa do Descobrimento – Porto Seguro (IBGE, 2016)	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais economias de Porto Seguro – Bahia. (IBGE, 2016).	46
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	(09)
ESTRUTURA	(11)
1. ETNOGRAFIA E APRENDIZADO	(12)
1.1 Metodologia da pesquisa	(12)
1.1.1. Construção da pergunta de partida/ Problemática.....	(13)
1.1.2. O conceito de Transgeracionalidade	(14)
1.1.3. Os estudos sociais sobre a Pesca.	(16)
1.2 Em campo e no campo – Observações e trabalho etnográfico	(21)
2. PESCA ARTESANAL, SABER E TRANSGERACIONALIDADE	(29)
2.1 Pesca artesanal: tradição, transmissão, permanências e vicissitudes....	(34)
2.2 Porto Seguro: Contextualização histórica e atual da pesca litorânea.	(38)
3. APREENDENDO A PESCAR: ENTRE AVÔ, TIOS, PAI E SOBRINHO.	(52)
3.1 Um único saber transgeracional.....	(66)
CONSIDERAÇÕES FINAIS	(68)
REFERÊNCIAS.....	(71)

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que se entrelaça de formas distintas ao contexto em que cresci e vivi por grande parte da minha vida. Em poucos momentos dessa trajetória eu consegui perceber a importância que a pesca exercia no município em que morava, desses poucos momentos ainda trago na memória passagens de tempos vividos com pescadores, e de uma aproximação com a cultura pesqueira presente na cidade e na comunidade.

Cercado por todos os lados de atividade pesqueira, seja na família ou entres os círculos de amigos, a pesca e sua importância passaram de formas “batidas”. Entretanto, essa percepção foi modificada nos últimos três anos, graças ao bacharel, e às disciplinas que introduziram e ampliaram a minha percepção a respeito da atividade e da cultura litorânea pesqueira.

Durante as férias, pude ampliar e me aproximar dos setores pesqueiros, da vida da comunidade que ainda partilha de seus conhecimentos transgeracionais e os perpassa entre as novas gerações. Todo esse processo de aproximação com a comunidade da pesca levou-me a amadurecer o desejo de concluir o curso, com um trabalho que contemplasse dois desejos de natureza pessoal: Um que refletisse e traduzisse a comunidade em que nasci e outro que explanasse a realidade do saber erguido naquele lugar.

O encantamento só veio a acontecer realmente depois de uma maior interação, percepção e integração ao ambiente da comunidade. Isto aconteceu em diferentes fases, primeiro uma percepção das realidades e das experiências da comunidade de pescadores na cidade, é preciso perceber o lugar onde vivem, onde estão inseridos e de que maneira se estabelecem nas relações sociais individuais e coletivas construídas no município, em um segundo momento: a aproximação, ser recebido e entrar em contato com a realidade dessas vidas até ser integrado pelas distintas realidades da vida social dos pescadores.

Essas aproximações e encantamento levaram-me a optar por realizar um trabalho etnográfico na comunidade de pescadores de Porto Seguro, o qual propõe pesquisar as realidades do processo de transmissão, continuidade ou descontinuidade dos saberes relativos à pesca litorânea executada na cidade

entre diferentes gerações de pescadores interligando essas realidades à natureza do saber.

Para permitir que esses interesses fossem alcançados, um longo trajeto foi percorrido durante o penúltimo ano de graduação que me levou ao trabalho e pesquisa de campo, no qual permaneci próximo à comunidade durante um período de sete meses, naquele momento pude conviver, ouvir e observar a comunidade com maior proximidade.

Os capítulos que estão inseridos nesse trabalho são respectivamente construções e frutos desse período de observação participante realizado por mim nos últimos meses como já citado anteriormente.

Essa é uma pesquisa que tem por interesse observar as experiências vividas por pescadores e seus familiares na comunidade de Porto Seguro, consistindo em uma abordagem antropológica dos processos de passagem dos saberes da pesca entre distintas gerações de famílias de pescadores.

Na expectativa de compreender o processo de transmissão de saberes ocorrido dentro do âmbito familiar ocasionou-se integrar pesca e transgeracionalidade, surgindo o interesse especificamente pela transmissão geracional na pesca baiana propriamente nos processos de transmissão de saberes entre distintas gerações de famílias de pescadores.

O motivo central para selecionar como temática, - transgeracionalidade e pesca surge primeiro pelo interesse subjetivo em compreender as estruturas pertinentes à transmissão entre grupos familiares, segundo pela tentativa de entender como se dão as passagens de saberes tradicionais no mundo cultural da pesca litorânea. Por transgeracionalidade entende-se todo processo de transmissão entre gerações (saberes e práticas) transmitido e transcrito entre gerações distintas de uma mesma família ou comunidade, esses conhecimentos são formadores e sustentáculo das comunidades onde foram construídos.

Os conhecimentos construídos por essas populações são compartilhados cotidianamente e fornecem a base da convivência daqueles indivíduos entre si e com seu ambiente. Dizendo de outra forma, esses conhecimentos não estão presentes apenas nos discursos, mas também nas práticas cotidianas dos participantes daquelas comunidades. (PAIOLA e TOMANIK, 2002, p. 176)

Pressupondo que a transgeracionalidade engloba os processos geracionais dentro dos contextos dos saberes familiar elabora-se a seguinte pergunta como forma de partida para a pesquisa qualitativa: é possível compreender os processos transgeracionais de permanência e ruptura do saber da cultura pesqueira familiar na comunidade litorânea de Porto Seguro - BA? – Na tentativa de corresponder e responder esse questionamento propõe-se a rota metodológica da pesquisa no tópico seguinte.

ESTRUTURA

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo – Etnografia e aprendizado - é a representação do trabalho de campo, considera as nuances do trabalho etnográfico na cidade de Porto Seguro como também os processos metodológicos utilizados para a realização do trabalho escrito e em campo. Com enfoque nas problemáticas geradas e vivenciadas durante o processo de etnografia nos setores pesqueiros da cidade, constituindo-se do primeiro passo para compreender os processos de transmissão transgeracional na cidade de Porto Seguro.

O segundo capítulo consistiu em realizar uma contextualização e descrição da pesca e a formação dos saberes da pesca ao longo da história. Proporciona uma representação do processo histórico e social da pesca artesanal nas respectivas realidades da formação colonial brasileira e da cidade de Porto Seguro contendo partes de entrevistas e perspectivas dos moradores locais contemporâneos construindo uma base para compreender as relações que se constroem no sistema pesqueiro e turístico da cidade.

No terceiro capítulo, com um maior embasamento etnográfico e bibliográfico foram realizadas as discussões antropológicas pertinentes à pesca e o processo transgeracional observando as principais questões levantadas à cerca do processo de transmissão entre gerações, para isso contou-se com as narrativas e entrevistas das vivências dos familiares de pescadores. Ao final, uma análise dos processos de transgeracionalidade na cidade de Porto Seguro – BA.

1. ETNOGRAFIA E APRENDIZADO

1.1 Metodologia da pesquisa

Para a realização da pesquisa optou-se pela utilização de uma metodologia e de um método que permitam uma maior aproximação do campo de estudo e que supram as necessidades relativas ao objeto central da pesquisa, a qual possibilite uma maior proximidade do contexto social e local da cidade de Porto Seguro, conexão com as experiências e vivências observadas na comunidade pesqueira, comunicação com o campo a ser observado e reflexividade entre sujeitos e investigador, na expectativa de compreender os questionamentos anteriormente levantados, a pesquisa utilizará métodos qualitativos apropriados.

A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. (FLICK, Uwe, 2009.p.37)

Na intenção de compreender e utilizar os métodos qualitativos houve a percepção de que sou estritamente realista em relação ao trabalho de campo ou relativo à pesquisa, condicionar e vincular o problema da pesquisa com a vida dos pescadores não foi em momento algum de fácil aproximação ou de fácil atrelamento. Descrever a teoria em linhas (texto) e analisá-la é fácil em grande parte para um acadêmico, observá-la na prática se torna de uma complexidade imensurável. Principalmente quando me deparo tratando de um tema tão novo e tão pouco falado na academia, observar a transgeracionalidade no cotidiano dos pescadores, em suas falas, foi em grande parte uma tarefa complexa.

Grande parte da minha dificuldade metodológica consiste também na dificuldade de aproximação com esses grupos de pescadores que em suma, fazem parte de um grupo social distinto e marginalizado da cidade onde moro. Conseguir confiança, saber de suas vidas pessoais e depois me propor a

analisá-las foi de uma experiência extremamente complexa, conflituosa e muitas vezes de ampla dificuldade.

A pesquisa revelou ser em grande parte de uma difícil flexibilidade e até mesmo uma atividade de compreensão complexa.

Essa pesquisa consistirá das seguintes etapas que dão corpo ao trabalho e pressupõe etapas essenciais para obtenção dos resultados:

1.1.1. Construção da pergunta de partida/ Problemática

Eu passei exatamente alguns meses pensando qual seria o foco (objetivo da minha pesquisa) e grande parte desse tempo foi devido a querer pesquisar algo que valorizasse e representasse a história da minha cidade, que descrevesse algo além de seu reconhecimento turístico. Então me dei conta da pesca, algo que sempre foi tão naturalizado e que por muitos anos passou tão despercebido por mim, nesse processo de geração do ponto de partida da pesquisa eu comecei arduamente a me propor a escrever sobre pesca, a ler sobre pesca e tentar compreender cada vez mais o que eu queria saber e pesquisar. Dentro da própria universidade em alguns momentos eu já havia percebido a importância da pesca e assimilado esse conhecimento com a realidade vivida pela minha cidade.

Foi através de um trabalho (**Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar**) que foi muito significativo para a minha descoberta do problema de pesquisa, o qual foi encontrado na internet, assim percebi e descobri o que realmente queria pesquisar – esse mesmo trabalho citado descrevia o processo de transmissão ocorrido em famílias de pescadores artesanais e as características da transmissão dos saberes na realidade, e apresentava um termo novo – transgeracionalidade, ao ler o trabalho, peguei-me interessado em descobrir como esse processo acontecia também com os pescadores da minha cidade. Acredito, e ousou dizer que, além das grandes conversas que tive durante meu processo de orientação, grande parte da descoberta e paixão pelo objeto da minha pesquisa foi conquistado e iniciado a partir do momento que me deparei com esse trabalho esclarecedor.

Ao confrontar com o tema de pesquisa inicial (Transgeracionalidade na Pesca Baiana) fez-se necessário selecionar o caso específico de interesse de forma clara e elaborar uma pergunta com termos concretos e capazes de serem verificáveis, para isso surgiu o seguinte questionamento: *que a pesquisa quer saber/revelar em relação à transgeracionalidade e pesca no litoral do extremo sul baiano?* Partindo do questionamento anterior, formulou-se a seguinte pergunta/problema: É possível compreender os processos transgeracionais de permanência e ruptura do saber da cultura pesqueira familiar na comunidade litorânea de Porto Seguro - BA? Tendo constituído o problema de pesquisa seguiu-se para o segundo passo da pesquisa, a exploração de leituras e do Campo a ser pesquisado.

As leituras bibliográficas essenciais que compõem o corpus da pesquisa são respectivamente compostas por dois autores, os quais são simultaneamente os principais teóricos acerca dos fenômenos e questionamentos aqui levantados e que formam os conceitos de transgeracionalidade e pesca aqui presentes. A seleção dos pesquisadores já citados deu-se de forma a priorizar a temática: transgeracionalidade e pesca, sendo de antemão os textos escolhidos, separados, lidos, revisados e fichados para que assim correspondessem à formulação da pergunta e dos possíveis objetivos iniciais da pesquisa.

1.1.2. O conceito de Transgeracionalidade.

Transgeracionalidade é um termo extremamente intrínseco e essencial para falar de transmissão de saberes no seio familiar (objetivo da atual pesquisa), para também compreender as tramas geracionais, suas permanências e rupturas. Dentre os autores que abordaram o termo, podem-se destacar as seguintes teóricas: Denise Falcke e, Adriana Wagner que observam a dinâmica e o fenômeno transgeracional no seio familiar como também definem e conceituam o respectivo termo e que possibilitam uma abordagem relativa e referente a esse conceito.

Em relação ao conceito teórico proposto pelas duas pode-se destacar a descrição conceitual de transgeracionalidade à partir da perspectiva de uma forma de transmissão de conhecimentos perpassados, perpetuados e dialogicamente assumidos dentro do seio familiar entre gerações distintas.

Para uma visão antropológica do termo pode-se compreender a interpretação proposta através do texto de Ricardo Vieira e pela explanação realizada da concepção da citação dos artigos de Iturra e Vieira à cerca da transmissão e continuidade de saberes entre um grupo social.

Qualquer grupo social tem necessidade de transmitir conhecimento e saberes de modo a garantir a continuidade da sua cultura e promover a reprodução social (Iturra, 1996). Para tal, é preciso criar mecanismos que permitam essa reprodução. (Re)produção de conhecimentos e (re)produção de identidades (VIEIRA, 2011).

Segundo os dois autores, poderíamos então conceituar a transgeracionalidade como um mecanismo com capacidade de produzir e reproduzir conhecimentos e identidade.

Dentro dessa percepção apresentada segue-se a construção da pertinência em pesquisar transgeracionalidade dentro de um grupo como o de pescadores.

Já havia relato em um parágrafo anterior que transgeracionalidade foi um termo novo, com o qual tive o meu primeiro contato através de um trabalho que clareou minhas ideias e expectativas relacionadas à pesquisa de campo. Encerra em si um significado pujante, cheio de significações e de difícil percepção na vida prática. Quando as minhas entrevistas com os pescadores começaram, comecei a me questionar onde eu deveria perceber a transgeracionalidade na vida dos mesmos, afinal, na teoria era um termo que em si encerrava o significado de transmissão. Entretanto, quando se propunha o termo na vida real, quando se tateia com nossas próprias experiências, perguntei-me muitas vezes onde o termo era cabível, afinal de contas, tudo que era relatado poderia ser digno de ser transgeracional, mas o que realmente cabia dentro do quesito pesca (?), comecei a ponderar pelo transgeracional que não era apenas parte do cotidiano mas que fazia parte do essencial conhecimento e saber relativos à pesca. Quando comecei a realizar esse trabalho de seleção pude ter uma melhor visualização do que seria para meus entrevistados o “fator transgeracional de histórias e experiências de vida”. Pude em suma, compreender com uma visão muito mais ampliada os mecanismos sensíveis da transgeracionalidade familiar e de sua importância na significância

da formação dos indivíduos, de suas identidades e da constituição e permanência do legado tradicional do grupo familiar.

1.1.3. Os estudos sociais sobre a Pesca.

Antonio Carlos Diegues é um dos principais pesquisadores das questões litorâneas no Brasil, suas pesquisas englobam setores econômicos, culturais e tradicionais de comunidades pesqueiras tornando-o um importante teórico das áreas úmidas brasileiras e de suas organizações. Para o autor, pesca é uma atividade/saber que condiz a uma arte:

Podemos dizer que no caso da pesca, o domínio da arte exige um período de experiência mais longo que nas outras formas de artesanato. Se compararmos o pescador artesanal a um artesão de móveis, constatamos algumas diferenças importantes. Este adapta seus instrumentos de trabalho a uma matéria-prima relativamente homogênea: a madeira. Já o pescador artesanal é obrigado a dominar o manejo de diferentes instrumentos de capturas utilizados para diferentes espécies, num meio em contínua mudança (DIEGUES, 1983, p. 198).

Consistindo de uma arte, pode ser instrumentalizada e transmitida entre diferentes gerações, dessa forma o autor apresenta-se como um dos principais teóricos essenciais para a pesquisa realizada neste trabalho.

Enquanto a bibliografia central da temática segue os principais pesquisadores dos campos abordados pelo problema geral, o segundo passo que é a pesquisa e a exploração de campo serão estruturadas da seguinte maneira:

- I. Definição do campo de pesquisa (à partir do contato com os fenômenos a serem pesquisados); Exploração do mundo natural e social do grupo observado através do contato com o campo da pesquisa – (Comunidade de pescadores litorâneos de Porto Seguro - Ba) e a obtenção de informações respectivas e relativas ao campo observado, interação e observação do espaço/campo.

- II. Construção dos primeiros contatos através de informantes, elaboração dos primeiros acordos para entrada do pesquisador no campo de pesquisa (obtenção de autorização pelo responsável da comunidade ou da colônia de pescadores).

Encontrar os “informantes” pareceu-me algo mais difícil, primeira grande situação problemática relativa a essa questão era saber quem seriam esses informantes ou pessoas que fariam a “ponte” entre os pescadores e eu. Na verdade, eu sempre morei em uma cidade de pescadores sem ter muito contato com pescadores, explicando melhor essa relação eu poderia dizer que da pesca não conheço muito, eu sempre soube que vivia em uma cidade de pescadores, e, no máximo via a pesca como uma prática de lazer e até mesmo como uma forma de adquirir peixes para a alimentação, nesse caso entraria minha aproximação com as áreas de tarifa da cidade.

É verdade que minha própria família em grande parte é constituída de pessoas que já pescaram, eu mesmo tenho memórias de quando saía para pescar com minha mãe, ainda que a mesma não realizasse uma pesca artesanal, mas, esportiva, passávamos tardes inteiras na beira da praia, constituindo relações de saber sobre a pesca lembro-me de apreender em algum momento sobre chumbadas, anzóis e até mesmo sobre peixe (um tempo do qual sobrou pouco na memória), ela nunca foi profissional, mas em algum momento ajudou a sustentar a família através da pesca, vinda de uma família de muitos irmãos e de uma carência financeira, ela saía muitas vezes para pescar, ajudar pescadores a puxar redes e receber como pagamento algum pescado. Ainda que fosse uma atividade estritamente masculina, por ser a filha mais velha, meu avô a ensinou a pescar, a mesma garantiu sua participação para ajudar na renda familiar (relatos de um tempo de pesca familiar).

Um dos últimos pescadores da minha família foi o meu tio paterno, ele veio de uma família nativa da cidade, cresceu na pesca, seu pai, seus irmãos, todos cresceram e se sustentaram através da pesca, entretanto, meu tio propriamente não pesca mais, por acreditar que a pesca na cidade já não consegue ser suficiente para sanar as necessidades financeiras dos pescadores.

Lembro-me muito bem de nunca faltar peixe na casa dele, e por sinal, meus próprios primos terem tido muito contado com a pesca na cidade através dele.

Inicialmente recorri ao meu tio que se tornou meu informante mais próximo dessa realidade tão próxima e ao mesmo tempo tão distante, mesmo que hoje ele não exerça a atividade e nem queira que seus filhos a exerçam.

Estabelecer os contatos, construir as relações de confiança até chegar aos momentos de entrevistas foram em si um trabalho árduo e difícil, primeiro por que os pescadores na minha cidade são reclusos aos seus locais de atividade ou em suas comunidades o que primeiramente dificultou nossos contatos.

Dificultou o contato, mas não impossibilitou, ao longo de alguns meses estando em Porto Seguro os contatos foram acontecendo de formas inusitadas, amigos, pessoas de convivência, outras apresentadas por pescadores entre conversas na tarifa da cidade. Nesse processo, conheci famílias inteiras, primos, avós, tios, pais, uma rede de pessoas que de alguma forma interagem ou se relacionavam de formas diretas e indiretas com a pesca e se apresentaram diante de mim.

Quando me dei conta havia uma gama de contatos, aproximei-me mesmo de três famílias de pescadores, um total de dez entrevistas realizadas, escolhi ouvir essas histórias pessoais, escolhi por focar nas gerações mais jovens dessas famílias, só assim pude compreender o processo de transmissão geracional de forma visível e de forma muito mais perceptível.

As entrevistas aconteceram de forma incômoda nos primeiros momentos, saber o que era possível perguntar e principalmente quando perguntar, a ideia de dialogar com indivíduos que nunca havia os visto antes ou se quer havia algum grau de conhecimento pareceu-me na parte inicial, estranho. As entrevistas fluíram de forma mais natural e até mesmo sem tantos contratemplos, no momento que já havia um grau de conhecimento entre pesquisador e entrevistados.

Grande parte das entrevistas foi realizada na tarifa de pescadores, eles respondiam às questões enquanto faziam suas atividades, outras em suas casas, uma parte mais complexa por sinal, algumas em locais mais reservados, como padarias e cafés (essas em exclusividade eram mais comuns com membros mais novos), mas em geral, após o primeiro contato, entrevistar

peças tornou-se algo de menor complexidade e menor problema relacionado ao constrangimento.

III. Utilização da observação participante para obtenção de informações utilizada aqui como técnica para produção de “dados” e análises constituindo a base do processo reflexivo entre sujeitos investigados e pesquisador.

A observação participante deve ser entendida sob dois aspectos como um processo. Em primeiro lugar, o pesquisador deve, cada vez mais, tornar-se um participante e obter acesso ao campo e às pessoas. Em segundo lugar, a observação deve passar também por um processo para tornar-se cada vez mais concreta e concentrada nos aspectos essenciais às questões de pesquisa. (FLICK, Uwe, 2009.p.208)

A observação participante entra como meio para entender os significados para os sujeitos das suas experiências e saberes transmitidos e rompidos durante as gerações observadas.

a) Etnografia e trabalho de campo;

As informações serão providas em sua grande parte das estratégias de interpretação e subjetividade da observação participante do pesquisador. A utilização da perspectiva interna do campo e aproximação ao campo serão modos de permitir que a análise do conteúdo e das entrevistas seja mais acessível e mais próxima da realidade observada.

Toda a observação e análise produzidas darão corpus à compreensão e construção das “respostas” obtidas para pesquisa, esse desmembramento e exploração analítica será realizado através de leituras e da posse do material produzido através do campo, agrupados e reagrupados em categorias analíticas, possibilitando a construção dos significados e do próprio texto etnográfico.

Entre transcrição das entrevistas e o processo de análise houve uma demora de alguns meses, “informações serão providas em sua grande parte das estratégias de interpretação e subjetividade da observação participante do pesquisador.” Em grande parte, independente da dificuldade da aproximação,

em algum tempo ela aconteceu. Comecei a conhecer pescadores e seus filhos, a viver no ambiente da tarifa de pescadores, a perceber suas vidas, a realizar a interação. Um pescador sempre me levava a outro, tornou-se um círculo de referências, as entrevistas foram acontecendo até mesmo de forma natural, no princípio era incômodo falar e perguntar das vidas de pessoas que eu sequer as conhecia, depois se tornou rotineiro e natural.

Algum tempo depois de ter concluído certa quantidade de entrevistas, de ter conhecido algumas famílias e suas histórias de vida comecei com meu trabalho de transcrição, este, muitas vezes pareceu angustiante, mas, continuei sempre anotando as observações no caderno de campo, realizando um trabalho que em certas circunstâncias quando descrito na academia me parecia tão distante.

Grande parte do meu texto etnográfico descreve um pouco das minhas próprias percepções quando estive em contato com essas pessoas, é uma análise que tenta ao máximo ser carregada da realidade e da própria percepção que essas pessoas têm de suas histórias e de suas próprias vidas, o meu maior desejo enquanto constituía as análises e fazia as entrevistas era que não houvesse dentro dessas observações apenas a “fala” do pesquisador, que não fosse apenas a minha “voz uivante” definindo as regras da observação participante, mas, que o corpus e análises realizadas aqui dessem voz aos indivíduos que me cederam suas vidas, que eles fossem os falantes de seus próprios processos transgeracionais.

b) Comentários adicionais/ Conclusões.

As conclusões são referentes e relacionadas à presença do pesquisador em campo que expõe o seguinte comentário: Todas as conclusões possíveis e plausíveis de construção do corpus da pesquisa dependem sumariamente das interações e dinâmicas possibilitadas pelo campo, assim, primordialmente, as conclusões da pesquisa se relacionam ao que foi descrito durante a observação participante, análises produzidas, que possibilitarão a construção do texto etnográfico.

1.2 Em campo e no campo – Observações e trabalho etnográfico

O campo de pesquisa exhibe uma complexidade de situações, entre elas, a primeira que se apresentou foi a realização de um contato com a comunidade. Apesar de Porto Seguro ser basicamente em sua fundação uma cidade de pescadores, essa não é mais uma realidade presente na atual conjuntura da cidade litorânea.

Entretanto, foi na parte baixa que a cidade começou a se desenvolver economicamente, comercialmente e urbanisticamente, até por uma questão de espaço. Por volta da metade do século XIX, os pescadores, para facilitar seus trabalhos começaram a fazer suas casas beirando o rio Buranhém (que quer dizer madeira de casca doce) do qual a cidade acompanha o formato do seu desembocadouro. (FONTANA, Romeu, 2004, p.05)

Foi na parte baixa, ou parte central da cidade que se construiu a vila, as primeiras relações comerciais na cidade aconteceram na parte baixa da cidade, foi com proximidade aos rios e mar que Porto Seguro desenvolveu a cidade que viria a ser.



FOTO 1. Avenida Portugal – Porto Seguro (1984). (Fonte: Disponível em: <<https://clovisheberle.blogspot.com.br/2014/06/o-arraial-era-assim.html>> Acesso em ago. 2016).

Em seu formato original, a parte baixa da cidade consistia principalmente de moradas pertencentes aos pescadores que até meados do século XIX eram de uma importância única para a economia e dinâmica interna da cidade.

É nessa parte baixa que começaram a se concentrar além dos pescadores, armazéns e casas comerciais um outro tipo de economia: a construção de estaleiros para a fabricação não só de barcos de pescas (as garoupeiras, que pescavam com sal, nas imediações de abrolhos) como barcos um pouco maiores para o transporte de cargas. A cidade que tinha pouco mais de 1.000 habitantes por volta de 1859 chegou a possuir cerca de 80 barcos (uma quantidade imensa para uma população e uma economia tão pequena) sendo que 40 dedicavam-se à pesca, enquanto os outros 40 mais seguros dedicavam-se à cabotagem nas costas da Bahia. (FONTANA, Romeu, 2004, p.05)

Essa não é mais a realidade apresentada pela cidade, grande parte dessa transformação na localização espacial e geográfica dos moradores antigos deveu-se principalmente à abertura da cidade a outros setores econômicos, como por exemplo, o turismo.



FOTO 2. Ponta de Areia. Av. 22 de abril, sem o clube e sem a tarifa. Área reurbanizada para as comemorações dos 500 anos do Brasil. (Fonte: FONTANA, Romeu, 2004, p.75)



FOTO 3. Meninos vendendo peixe na Av. Portugal. Vender peixe enfiado numa vara, chamada espicha, que serve para segurar a vela das canoas, era muito comum para crianças e rapazes sem empregos, filhos de pescadores ou não, para reforçar a pequena ou quase nenhuma renda familiar até o turismo se expandir no final da década de 1970. (Fonte: FONTANA, Romeu, 2004, p.180)

Todos os anos o turismo atrai pessoas de diversas localidades, sejam para residir definitivamente na cidade ou para passar as férias, isso valorizou as áreas mais centrais da cidade causando uma descentralização dos pescadores de suas antigas áreas de concentração e realização de atividades, por outro lado, grande parte da população atual da cidade não estabelece relações com essa atividade cultural que é a pesca, entre outros determinantes, aqueles pescadores que ainda residem na cidade encontram-se em situações de isolamento geográfico e social, o que acaba por dificultar em muito o estabelecimento de relações e contatos.



FOTO 4. Vista aérea do centro de Porto Seguro – Porto Seguro (2015). (Fonte: IMPALA. Disponível em: < http://www.aproximaviagem.pt/n5/08_portoSeguro.html> Acesso em Set. 2016).

É uma nova realidade estabelecida entre acordos que priorizam o desenvolvimento urbanístico e econômico da cidade, hoje o centro disponibiliza uma diversidade de recursos que antes não eram comuns a uma cidade litorânea, entretanto, esse acordo silencioso legou aos moradores (nativos), propriamente os pescadores, um local distante e afastado do centro de vida econômica da cidade. Uma pequena parte localiza-se ainda em torno da área litorânea e banhada pelo Rio Buranhém, essa é a parte que permanece e que ainda mantém-se firmemente em seus locais de tradição e histórias familiares.



FOTO 5. Tarifa de Pescadores/ Vila de Pescadores/ Encontro do Rio Buranhém com o mar– Porto Seguro. **(Fonte:** Pescaria em Porto Seguro. Disponível em: < <http://hmongbuy.net/video/ILMmH-c97E8>> Acesso em Jul. 2016).

Grande parte dessa relação foi estabelecida principalmente pelo turismo que legou um lugar definitivo aos pescadores que passaram a encontrar-se em áreas mais marginalizadas da cidade. Mesmo atrelados a cooperativas ou associações localizadas na chamada zona da tarifa pesqueira (localidade onde a cidade encontra o mar e onde se realizam as vendas do pescado) os pescadores da região já não vivem tão próximos do mar como antigamente.

Antes de entrar nas questões que envolvem as relações entre pesquisador e objeto de pesquisa é necessário traçar um perfil principalmente dos pescadores e da zona da tarifa na cidade.

Em primeiro lugar os pescadores da cidade em sua grande maioria são homens de idade avançada que construíram famílias e casas em torno da sua atividade e saber (pesca), por outro lado, são em grande parte um grupo de homens com baixa escolaridade ou em muitos casos sem escolaridade alguma que estão em constante relação com uma área da cidade que não costuma ser bem vista pelos moradores, é uma área associada em grande parte à prostituição, por isso é rejeitada pela comunidade que somente a procura quando necessita do pescado. Tratarei desses aspectos de forma mais aprofundada em capítulo específico, entretanto, vale ponderar essas questões

aqui para que se crie uma imagem do lugar de encontro ao qual o pesquisador teve acesso e construiu relações com os pesquisados.

Nessa conjuntura de realidade foi de complexidade e de dificuldade estabelecer relações com os pescadores da cidade, localizá-los em sua área de atividade não foi uma questão de extrema dificuldade, mas, estabelecer relações fora desse contexto e principalmente para entrevistá-los ou mesmo estabelecer uma conversa apresentou-se como uma dificuldade, isso se deu principalmente pela conturbada agitação da vida dentro da zona da tarifa ou zona de pescadores da cidade.



FOTO 6. Tarifa de Pescadores – Porto Seguro (2016). (Fonte: Portal Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/sustentabilidade/estudo-revela-declinio-de-sete-especies-de-peixe-no-sul-dabahia,bf16a160fcf31410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>> Acesso em ago. 2016).

Vale ainda considerar aqui a relação não estabelecida e de certa forma muito inflexível com a cooperativa, isso consistiu principalmente da inflexibilidade e da ausência de boa receptividade por parte dos funcionários da cooperativa que se negaram em grande parte a fornecer informações necessárias para estabelecer as relações e para até mesmo obter informações inerentes aos pescadores da cidade.

Foi por sinal umas das primeiras negativas que encontrei durante o processo de relação com a área de trabalho, durante semanas tentei o contato com o presidente da cooperativa ou mesmo agendar uma reunião com o mesmo, mas este se mostrou ao longo do processo, uma pessoa de difícil acesso e não interessada na divulgação de informações referentes à cooperativa.

Dentro dessa gama de acontecimentos, me deparei com pessoas muito solícitas e abertas que disponibilizaram momentos ricos e surpreendentes durante as atividades de trabalho de campo. Foram pessoas que abriram a porta de suas casas, apresentaram suas famílias, suas histórias de vida e se interessaram em contribuir para a produção da pesquisa.

Eu ressaltaria aqui uma importante família que contribuiu de formas distintas para que minha pesquisa fosse possível, a família Lage, assim como os identificam no trabalho, foi em grande parte essencial para o desenvolvimento e relação com o campo pesquisado.

Grande parte da minha percepção da relação existente entre gerações, ou a transmissão e rupturas existentes entre famílias de pescadores pode ser sintetizada através dos relatos dessa família que apresentou em suas histórias de vida uma variedade de indivíduos com perspectivas diferentes em relação à importância da pesca e de sua transmissão familiar.

Retornando à abordagem inicial relativa ao posicionamento e ocupação dessa população na cidade, parte do problema em estabelecer relações e interações também decorreu a partir do momento que o foco da pesquisa não era o exercício prático do saber, mas, a transmissão do saber entre distintas gerações, o que supõe uma aproximação da família e dos familiares que exerceram ou ainda exercem e transmitem seu saber.

Dentre outros fatores, transbordam-se memórias que muitas vezes são parte da história e identidade de um grupo que em muito foi marginalizado em seu próprio espaço de tradição. Posso exemplificar essa ideia das memórias e da identidade de um grupo familiar com a pesca através da seguinte declaração realizada durante a entrevista realizada por mim com um dos entrevistados da família Lage:

P – Qual o significado que a pesca tem para você?

“Cleiuodson” – *A **pesca sempre esteve presente na minha vida, desde nascença...**, até os dias de hoje, apesar de não exercer a profissão. A pesca foi o que sustentou a minha família inteira, sustenta até hoje. Sem ela (a pesca), a gente não teria nada do que a gente tem. Meus primos não estariam formados. Eu não estaria formado! - Minha família não estaria bem estruturada do jeito que é hoje.*

Duas coisas tornam-se perceptíveis: a primeira delas é que a pesca é transgeracional, transmitida entre a família entre distintas gerações (entre primos, tios e avós), a segunda, que ela representa uma importante base da fundação estrutural e econômica dessa família, se não emocional - (“eu não estaria formado!”) - (“minha família não estaria bem estruturada do jeito que é hoje” – é imprescindível a estrutura dessa frase, pois é possível perceber uma busca na memória e nas emoções (nas situações pelas quais a família deve ter passado)).

Conversar com um membro dessa família durante uma entrevista realizada durante uma tarde próximo à tarifa, o lugar onde ele cresceu e aprendeu com os seus tios, pai e avós a arte da pesca e todas as problemáticas que a envolvem é de uma percepção incrível.

Foi através desses diálogos incríveis e repletos de significados que eu pude vislumbrar o real significado da pesca entre gerações, não era um simples e mero conhecimento sendo transmitido, era parte de histórias de vida, de experiências antepassadas, de identidades de grupos familiares.

Compreender a importância que a pesca assume para essa família e no seu cotidiano, entender o papel central e pertinente desempenhado pela mesma para a história das gerações dessa família é, em suma, gratificante e enriquecedor para uma melhor percepção do trabalho de campo e para um olhar antropológico em construção.

Em outro viés, a realização de uma pesquisa de campo demanda outras necessidades, como por exemplo, ser o “entrevistador participante”, colocar-se no lugar de quem é entrevistado e, de certa forma interagir como participante de determinados relatos não parece em nenhum ponto algo “fácil” de se realizar. Durante todo o período de pesquisa encontrei-me em situações que não eram fáceis de serem analisadas ou transubstanciadas em “dados”. Transformar uma memória ou uma vida em um “objeto de estudo” perpassa em determinadas situações por dificuldades que a academia não ajuda a solucionar, como por exemplo, momentos de memórias dolorosas ou de pessoas que já não estão presentes. Um bom exemplo dessa situação dentro do meu viés de pesquisa foi quando perguntado a um entrevistado sobre quem teria o ensinamento a pescar, a compreender as nuances do mar. O mesmo

responde a pergunta com muita emoção ao lembrar-se do avô que já falecera e de todos os momentos passados juntos.

A realidade da pesquisa e o mundo emocional dos indivíduos entrevistados quase sempre se choca, e entre esses dois mundos, encontra-se o entrevistador/pesquisador que como no meu caso, foi em muito pego dentro dessas situações.

Entretanto, outras situações se apresentaram de formas inusitadas, se por um lado houve a dificuldade do estabelecimento do contato, por outro, houve também um entrosamento, uma sincronia com determinados indivíduos que se interessaram pela pesquisa e viram uma oportunidade de apresentar os significados de sua vida e sua cultura, que se abriram e abriram seus lares e memórias de forma não esperada por mim.

Pessoas que se dispuseram a me encontrar e a receber-me que revelaram detalhes de sua privacidade e que se sentiram reconfortadas por ter alguém com quem pudessem compartilhar suas histórias de vida e o saber transgeracional de suas famílias.

Essa é umas das principais abordagens do capítulo intitulado – apreendendo a pescar – realizar uma aproximação do leitor com os meus entrevistados, apresentar suas histórias de vida para que assim o leitor possa compreender através dessas histórias como a pesca foi transmitida e esteve presente ou não em suas vidas. Compreender principalmente o real significado do apreender a pescar para essas pessoas, seguir suas memórias repletas de tios, pais e avós que se dispuseram de formas decididas a transmitir o legado familiar, a transcrever suas histórias pessoais e indenitárias enquanto parte de um grupo em novas gerações, apostar na continuidade de suas vidas e saberes através dos mais novos membros de suas famílias.

Meu maior intuito foi permitir que os entrevistados quando inseridos no corpus do texto (pesquisa) fossem as vozes primordiais da narrativa, que essas **históricas** não fossem apenas de vida, mas que tivessem vida ao serem tocadas, ao serem transmitidas e transcritas até mesmo durante o processo de análise, percepção e observação desses relatos, eu quis prezar por esse zelo com essas respectivas narrativas de transmissão de vidas sem querer engessar suas experiências pessoais.

2. PESCA ARTESANAL, SABER E TRANSGERACIONALIDADE

A pesca artesanal consiste em uma atividade que vai à linha contrária à pesca industrial e de longa escala é um saber de longíssima antiguidade que é constituída de uma vastidão de conhecimentos e aspectos relacionados à vida litorânea. Ela é a responsável pela manutenção e permanência de muitas das populações litorâneas brasileiras que vivem do saber e da prática que aliam tais conhecimentos ao seu modo de vida.

Os pescadores e pescadoras artesanais possuem tradicional modo de viver e de lidar com a natureza, têm história e cultura de raízes profundas que são passadas de geração para geração. A pesca é mais que uma profissão, é um modo de vida onde o trabalho é livre e tem um regime autônomo e coletivo. Possui relação direta com a natureza, com espiritualidade e mística que suscita respeito e cuidado. (CTBCTP, p.04)

A pesca litorânea artesanal realizada no sul da Bahia correlaciona-se com a história da formação do espaço brasileiro, ela concentra em si traços e legados históricos que precedem a própria formação do Brasil e que constituem muitas das culturas litorâneas ainda presentes nas regiões costeiras do país.

A atividade pesqueira deu origem a inúmeras culturas litorâneas regionais ligadas à pesca, entre as quais podem ser citadas: a do jangadeiro, em todo o litoral nordestino, do Ceará até o sul da Bahia; a do caiçara, no litoral entre o Rio de Janeiro e São Paulo; e o açoriano, no litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (...). (DIEGUES, 1999, p.362)

Em grande parte, esse saber pode ser entendido como uma conjunção de saberes que na história do Brasil estão correlacionados aos índios, enquanto nativos da terra e, em suma, anterioridade praticado e transmitido como um legado dialógico entre distintos povos que chegavam e se instalavam no novo mundo.

A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil e, peixes, crustáceos e moluscos era parte importante de sua dieta alimentar. Os inúmeros sambaquis, depósitos de conchas, encontrados em sítios arqueológicos ao longo do litoral atestam a importância da atividade da pesca e coleta. (DIEGUES, 1999, p.361)

Predominantemente na Bahia, região nordeste do Brasil, a pesca artesanal situou-se como uma atividade baseada nos conhecimentos transmitidos e recebidos, tanto por parte dos índios como pelo colonizador europeu (Português).

Vale ressaltar que, Portugal ficou reconhecido na história como um país pioneiro na navegação devido às investidas que arriscou pelo oceano atlântico, grande parte disso caracteriza-se por sua localização estratégica em uma região banhada pelas águas do oceano, o que acabou por legar-lhes o título de pioneiros, entretanto, os portugueses estavam e estão em grande contato com o oceano de onde contextualizaram sua posição geográfica, as necessidades econômicas e internas das regiões e comunidades próximas das áreas litorâneas portuguesas permitindo o surgimento de atividades pesqueiras oceânicas envolvendo embarcações que permitiram navegar cada vez mais distante pelo oceano atlântico, e por ventura, chegar ao Brasil.

A História de Portugal interliga-se com a das pescas e com a dos recursos marinhos. São vários os elementos pré-históricos que testemunham a presença de grupos humanos junto da costa, em épocas e períodos distintos, fazendo a recolocação dos recursos cedidos pelo mar bem como os documentos históricos que atribuem às pescas grande importância por altura da fundação da nacionalidade (BARROS, 1885, apud (MEDEIROS, 2006, p.156).

Velho mundo e novo mundo, regiões distintas que se cruzaram em história e saber e que permitiram a formação de uma longa rede de transgeracionalidade entre os povos que criaram laços e vidas no Brasil.

Para além de uma importância simplista legada pelo saber da pesca residem questões intrinsecamente importantes estabelecidas e relativas à pesca, essa herança deixada por índios e portugueses. A construção e a constituição de um valioso saber que primordialmente vinculou-se com a prática da economia social e cultural do povo litorâneo.

Com um litoral extenso e com uma riqueza potencial de espécies a economia e sociedade das comunidades pesqueiras litorâneas geriu e

constituiu uma variedade de formas únicas de vida, organização e realidades culturais.

O Brasil, país continental que pela sua imensidão geográfica possui uma costa de aproximadamente 8.000 Km de extensão e um enorme potencial de águas interiores, comporta diversas bacias hidrográficas que favorecem a atividade pesqueira. As águas apresentam grande diversidade de espécies, sejam elas de águas interiores, estuarinas, litorâneas ou marítimas. É nesse emaranhado de águas que encontramos uma extensa variedade de formas diferentes de pesca regidas por fatores climáticos, sociais, econômicos, históricos e culturais. (MORAES, 2005, p.35).

A pesca foi durante muito tempo para as comunidades e vilarejos litorâneos da Bahia um saber proporcionalmente vinculado à sobrevivência e manutenção da vida dentro de uma situação colonial exploratória que não priorizava o desenvolvimento e o estabelecimento de povoações ou criação de grandes setores econômicos dentro do Brasil colônia, em áreas que devido à localização e a fertilidade da terra não se faziam interessantes pelo colonizador.

Todo processo de formação do saber contextualizado e trocado entre as diferentes realidades de novo mundo e velho mundo constituíram na história um longo processo de transmissão de saber entre gerações. A ação transgeracional foi muito perpetuada e transmitida nos primeiros séculos de colonização e não se fixou apenas na apropriação e passagem cultural de saberes relativos à pesca. Em grande parte, colonizador e povos nativos emaranharam-se em uma extensiva malha de trocas econômicas, linguísticas, sociais e etc.

A transmissão em grande parte de saberes tradicionais familiares é algo muito comum e presente nas famílias e grupos indígenas, principalmente quando se direciona na formação das novas gerações, sendo realizada não apenas pela família, mas, por todo o grupo.

(...), conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. (DIEGUES, 2000, p.30).

Essas passagens de saberes entre gerações ocorrem dos mais velhos (anciãos), chefes religiosos, dos pais e mães quando relativo a funções sociais e de gênero a serem desempenhadas por cada membro da comunidade. Em suma, existe uma cosmovisão de mundo transgeracional permanente entre os grupos indígenas, detentores de uma transmissão geracional em grande parte prioritariamente oral. As sociedades indígenas, ágrafas, compartilham esse traço em comum, oralidade, na transmissão de conhecimentos tradicionais. Em grande parte, a transgeracionalidade de saberes familiar é efetuada através da transmissão oral de saberes aliada às práticas culturais de um determinado povo.

As sociedades indígenas que habitavam no século XVI o atual território brasileiro eram sociedades ágrafas, isto é, sem escrita alfabética. Dessa forma, os conhecimentos e os aspectos imateriais do patrimônio cultural de cada povo eram ao contrário da civilização Maia, armazenados na memória humana e transmitidos de uma geração a outra predominantemente pelo que se convencionou denominar atualmente de tradição oral (...). (SILVA, 2009, p.2).

A oralidade é explicitamente um fator preponderante e especificamente visível, característico e compartilhado com as comunidades de pescadores litorâneos (populações tradicionais), a transmissão familiar dos saberes relativos à pesca entre as distintas gerações acontece primordialmente pela oralidade, o que permite a continuidade e a perpetuação desses saberes entre as próximas gerações.

Os saberes tradicionais transmitidos pela oralidade suprem a necessidade da transmissão escrita para essas comunidades, o saber oral concomitantemente, aliado à prática, preenche a necessidade de uma escrita. Dessa forma, a tradição é transmitida pelas gerações mais experientes às gerações mais jovens, a manutenção e perpetuação do saber dão continuidade às futuras gerações.

(...) Mais que isto, os saberes não científicos ligados a populações tradicionais envolvem relações estreitas entre o homem e a natureza, permeados por relações de ordens pontuais e também míticas. São conhecimentos transmitidos das gerações mais experientes para as mais jovens, principalmente pela oralidade e pelas práticas do cotidiano. (MORAES, 2005, p.19).

Ainda que não seja uma regra imperativa imposta a todas as comunidades de pescadores, essa peculiaridade, se assim puder ser descrita, é aparentemente mais frequente quando se contextualiza as realidades dos pescadores, que em grande parte, vindos de situações mais paupérrimas não obtiveram uma formação que priorizasse a escrita e acabaram por realizar a transmissão de seus saberes através da oralidade, um fator que em muito se aproxima das trocas iniciais realizadas entre os colonos e os povos nativos litorâneos na formação do Brasil e que vem se perpetuando ao longo do processo de formação transgeracional das distintas famílias de pescadores do litoral brasileiro.

Ratificando o que foi descrito até aqui, pode-se afirmar que as comunidades litorâneas conseguiram através das relações sociais propostas pelo meio em que se localizavam e pelo contato com os grupos que ali viviam contextualizar e apropriar-se da realidade cultural das tradições dos indivíduos como realidades próprias e inerentes a si mesmas.

Diegues (1995) alerta-nos a uma questão crucial sobre o diálogo entre os saberes: destaca este como um elemento essencial para a produção de novos conhecimentos (...). (DIEGUES, 1995, apud ANDREOLI, 2009, p.10).

Em maneira mais específica, as comunidades pesqueiras litorâneas entrelaçaram-se na contextualização de mundo natural, mítico e social dos nativos da terra e colonizadores, dessa confluência de saberes surgiu um saber transgeracional dialógico intercultural único que se efetivou no desenvolvimento e no fortalecimento das tradições dessas comunidades pesqueiras. De certa forma, o saber indígena unido ao saber europeu (relativos à pesca) foi elemento essencial e crucial para a construção transgeracional de um conhecimento exercido e transmitido pelos pescadores entre as suas famílias.

O diálogo entre saber, transgeracionalidade e pesca artesanal constituiu umas das formas mais significativas de populações tradicionais residentes no litoral brasileiro. Um saber constituído através de trocas entre povos de diferentes realidades, perspectivas, contextos e percepções de mundo, um saber transmitido primordialmente pela oralidade, fator expressivo da vida comunitária pesqueira litorânea e preponderantemente essencial para a

manutenção e perpetuação das culturas litorâneas. Um emaranhado de tramas transgeracionais surge a partir do diálogo e das trocas de conhecimentos entre povos que não se conheciam e repercute para as futuras gerações.

2.1 - Pesca artesanal: tradição, transmissão, permanências e vicissitudes

A pesca artesanal é uma tradicionalidade empírica e condicionante à figura do pescador próprio de comunidades litorâneas com ancestralidade. Esse modo empírico de se relacionar com o meio que lhe é apresentado e de vivenciar as experiências constitui simbolicamente um valor único e ancestral que pode e, é transmitido às distintas gerações futuras através da oralidade e da prática de suas atividades. A transmissão em grande parte ocorre através dos núcleos familiares onde os pais perpetuam seu saber ancestral, em muitos casos recebidos e passados pelos seus antecessores (avós e tios) para as futuras gerações.

A ancestralidade é característica fundante da passagem de conhecimento dentro desses núcleos pesqueiros, famílias inteiras vivem dos valores transmitidos pelos mais velhos que os ressignificam e os adaptam à forma de ser e se relacionar com as características do modo de vida litorâneo. Ratificando, pode-se dizer que:

A característica principal de ser do pescador e da pescadora artesanal é a sua tradicionalidade, o modo de viver e de se relacionar com a natureza. Possuem valores próprios e desenvolvem técnicas que garantem a sustentabilidade de suas famílias e dos estoques pesqueiros. (CTBCTP, p.04)

Quando se toca no cerne da tradição de saberes e práticas relacionadas a comunidades pesqueiras ancestrais e tradicionais é preciso dar ênfase e especificidade para o processo de transmissão, pois esse mesmo precisa ser sancionado pelo grupo de formas distintas, as futuras gerações de pescadores devem assumir cotidianamente essa maneira de viver, conciliando as práticas cotidianas com os saberes recebidos.

Esse critério é recebido e assumido pelas futuras gerações principalmente na unidade familiar, nesse caso, o correto a afirmar quando se direciona a transmissão é que esse processo é em grande parte uma tarefa

executada dentro do ambiente familiar. Os modos de vida, os códigos, símbolos e saberes são assumidos, vinculados e em grande parte ressignificados dentro do lar familiar.

Observando por essa ótica, é possível cogitar que a pesca enquanto artesanal, tradicional e ancestral é mais do que um modo de obter lucros não consistindo apenas em um estilo de atividade econômica vigente nas áreas litorâneas. Na verdade, ela constitui um sistema cultural específico de populações que possuem conhecimento próprio de práticas e saberes ancestrais que são transmitidos e ressignificados pelas gerações futuras que recebem os saberes transgeracionais.

As famílias de pescadores artesanais são grupos que possuem uma cultura específica. Em geral, essas populações possuem conhecimentos sobre a natureza e seus dinamismos que atravessam várias gerações (Paiola e Tomanik, 2002). As práticas artesanais são aprendidas no convívio familiar e no contato direto com a natureza e são utilizadas por pescadores e suas famílias para a subsistência. (GARCIA et al, 2007, p. 97).

A pesca constitui para essas comunidades uma forma significativa e expressiva de modo de viver, de relacionar-se socialmente, de viver o núcleo familiar e de entender os códigos essenciais para viver e interagir com o restante da comunidade pesqueira em que se vive.

A pesca artesanal não é somente uma profissão. É um jeito de viver, de se relacionar com a natureza, é responsável também pela manutenção de diversos ecossistemas existentes no país, pois as comunidades pesqueiras extraem da natureza o que ela é capaz de repor, conseguem conciliar de forma harmoniosa a sua sustentabilidade e a sustentabilidade ambiental nos recursos utilizados. (CTBCTP, p.05)

São os ancestrais os detentores da oralidade e da transmissão dos códigos necessários para a manutenção e perpetuação desse sistema de saberes para as futuras gerações, eles são os emitentes dos códigos culturais para os receptáculos futuros.

Os conteúdos culturais transmitidos das gerações mais velhas para as mais jovens não permanecem intactos, imutáveis através dos tempos. As gerações apresentam “características peculiares que as identificam como

diferentes da anterior e, provavelmente, da seguinte” (BENINCÁ e GOMES, 1998, p.179, apud GARCIA et al, 2007, p. 95).

Quando esses conhecimentos são identificados pelas novas gerações, em grande parte são ressignificados não permanecendo intactos, nesse exato momento podem ocorrer as vicissitudes ou rupturas na transmissão.

Os conhecimentos são recebidos pelos receptores (gerações mais jovens) por meio dos emissores (gerações mais velhas), devido a fatores sociais, temporais ou até mesmo da modificação de conteúdo cultural acontecem de serem transformados em novos saberes. Nesse caso especificamente, as gerações mais jovens e em grande parte muito distantes das gerações emissoras deixam de repetir os padrões culturais como foram transmitidos, tomando duas direções distintas que podem corresponder à rejeição dos valores transgeracionais devido a fatores econômicos e distanciamento das tradições da comunidade pesqueira, como podem ressignificar esses saberes na formação de um novo que possa contemplar as atividades ancestrais e as novas atividades integradas aos valores sociais contemporâneos.

Esses saberes transgeracionais que sofrem vicissitudes estão sendo constantemente apropriados e peculiarmente alterados por fatores que divergem das gerações transmissoras, como por exemplo, condicionantes históricos e sociais que fazem parte da realidade ou momento em que os receptores vivem.

Esse saber transgeracional da cultura da pesca artesanal presente nas comunidades pesqueiras litorâneas caracteriza-se pela simplicidade dos processos de transmissão e pela prevalência do valor do núcleo familiar.

A pesca artesanal é uma atividade tradicional e presente há séculos nas comunidades costeiras e ribeirinhas. Essa atividade caracteriza-se pela "simplicidade da tecnologia" e pelo "baixo custo da produção" (Maldonado, 1986), ainda que esses grupos busquem, atualmente, modernizar a atividade. Outra característica que prevalece entre os pescadores artesanais é "a importância da família como unidade de produção e consumo" (ibid., p. 18, apud GARCIA et al, 2007, p. 97).

A pesca artesanal não se mensura apenas em uma atividade tradicional, pois faz parte da cultura de um determinado grupo de indivíduos, nesse sentido é uma forma de expressão, de símbolos, códigos e padrões de vida dos indivíduos que dela compartilham.

Por um lado esses saberes transmitidos entre gerações podem assumir para as futuras gerações valores distintos, o que significa dizer que, ainda que os saberes passados possam ser ressignificados e sofrerem vicissitudes e rupturas, por um outro lado específico podem ser assumidos em sua totalidade pelas gerações mais próximas, convenientemente, algumas pesquisas apontam para relatos de que gerações mais próximas tendem em linearidade repetir os traços culturais dos saberes transgeracionais recebidos. Um exemplo desse relato é consistente quando se falar de uma relação de até três gerações, essas assumem os valores e saberes recebidos em sua totalidade permitindo assim a permanência e a não modificação das tradições da comunidade.

Os resultados apontam para linearidades na transmissão geracional dos saberes sobre a pesca. As famílias de pescadores entrevistadas salientaram que o modo de realizar a atividade pesqueira e transmitir esse conhecimento para as gerações seguintes permanece inalterado ao longo das três gerações do grupo familiar. GARCIA et al, 2007, p. 103).

A linearidade descrita decorre de alguns fatores preponderantes, como relações de afeição, alento, identificação e aceitação no meio comunitário. As gerações tendem a repetir os papéis designados, os saberes transmitidos, como uma forma de corresponder às expectativas da comunidade pesqueira. Tornando-se verdadeiros membros aceitos pela sua capacidade de assumir os padrões recebidos e de efetivá-los na prática cotidiana da vida comunitária.

Os pescados de gerações mais próximas tendem a ensinar os saberes a seus parentes de forma linear e inalterada, acabam por transmitir os ensinamentos da mesma forma como receberam, produzindo a perpetuação entre as gerações mais próximas de um saber tradicional muito próximo e basicamente adjunto do que os mesmos receberam de suas gerações anteriores.

Ou seja, os pescadores continuam ensinando seus filhos a pescar artesanalmente da mesma forma e com os mesmos saberes específicos sobre o ambiente e a extração do

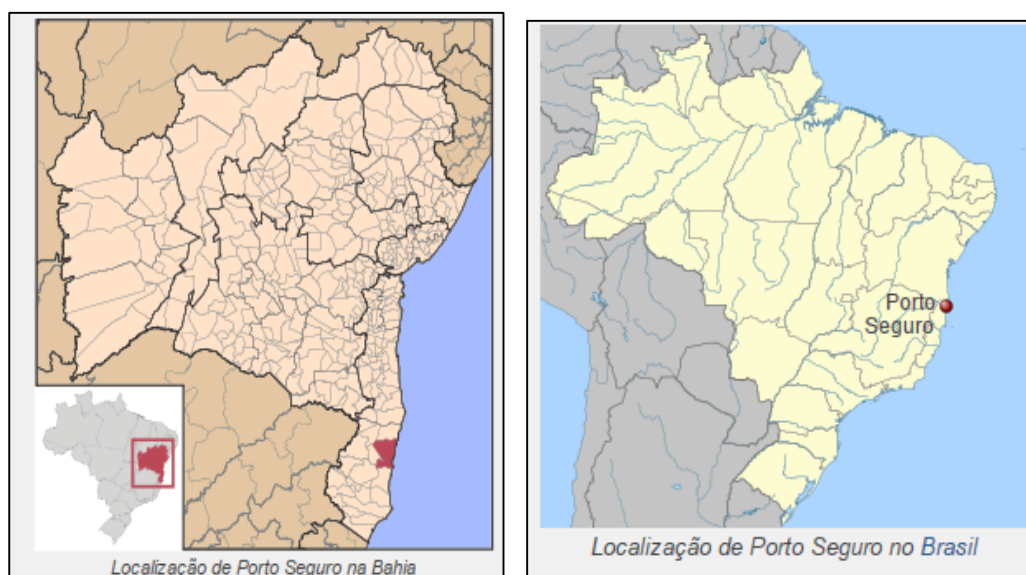
pescado. Repetem os ensinamentos recebidos por seus pais ou parentes. GARCIA et al, 2007, p. 103).

Tradição, transmissão, permanências e vicissitudes são fatores essenciais à transgeracionalidade, estão inerentes às singularidades que o saber alcança nas gerações, os pescadores continuam ensinando seus filhos, independente desses (filhos) seguirem ou não no futuro as atividades da pesca, essas transmissões de saberes são sempre formadas dentro de ambientes que são de intensa relação entre parentes e que acabam por formar uma ampla teia de relações que priorizam a transmissão dos saberes culturais recebidos.

2.2 Porto Seguro: Contextualização histórica e atual da pesca litorânea

Porto Seguro é um dos 417 municípios integrantes do Estado da Bahia, região geograficamente localizada no Nordeste brasileiro. É um dos principais pontos turísticos do nordeste brasileiro sendo atrativo devido às belezas naturais que consistem de praias dentre outros encantos turísticos.

O estado da Bahia, localidade em que o município se situa contém uma vasta região litorânea, de extrema diversidade biológica com uma extensão de 1.118 km de litoral banhado pelo oceano Atlântico.



MAPA 1. Mapa de localização geográfica de Porto Seguro – Bahia (WIKIPÉDIA, 2016).

O município faz parte da região historicamente conhecida como Costa do descobrimento (composta pelas cidades de Porto Seguro, Santa Cruz

Cabrália e Belmonte – estendendo-se entre a Costa da Baleia e Costa do Cacau) título que remete à descoberta e início do povoamento da América portuguesa.

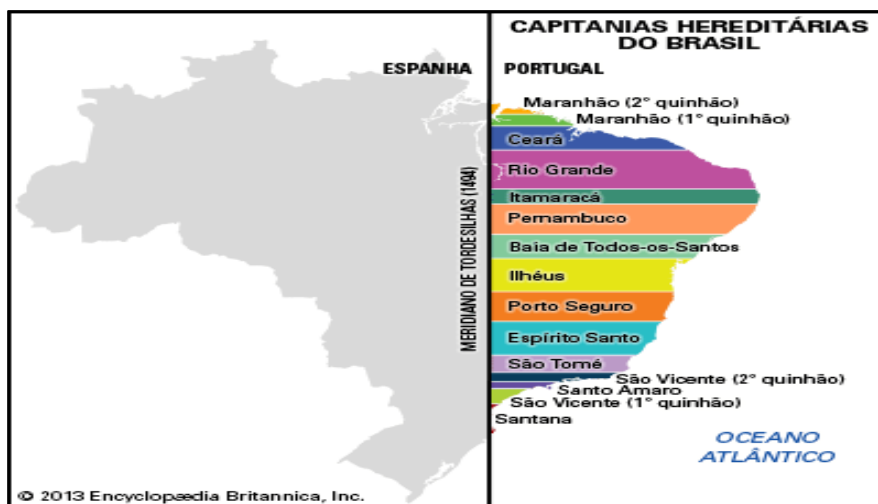


MAPA 2. Mapa adaptado das costas da Bahia (UFBA - IGEO, 2013)

A formação de Porto Seguro entrelaça-se com a própria história da fundação do Brasil que teve o início de sua colonização e organização administrativa pela coroa portuguesa iniciado em 1532 partindo principalmente da faixa litorânea como forma de concretizar a posse das terras descobertas e de proteção contra a invasão de outros povos europeus, inclusive dos franceses.

A origem do atual Município liga-se aos capítulos iniciais da história do Brasil. Em seu território está a primeira porção de terra avistada pelas embarcações do almirante Pedro Álvares Cabral - Monte Pascoal. O primeiro ponto descoberto, a 22 de abril de 1500, foi Porto Seguro. (IBGE, 2010, p.01)

Para melhor consolidar seu domínio e colonização, Portugal que não tinha recursos para realizar o processo colonizador decidiu dividir seu território colonial na América portuguesa em 15 capitanias hereditárias, extensas faixas de terras na costa brasileira doadas aos capitães donatários, pessoas em grande parte da nobreza metropolitana que se dispunham a assumir a responsabilidade de efetivar a colonização, povoamento e proteção da nova colônia no lugar de Portugal, dividindo assim os lucros futuramente obtidos com a coroa portuguesa.



MAPA 3. Mapa das capitânicas hereditárias (WIKIPÉDIA, 2013)

A capitania de Porto Seguro tinha cinquenta léguas de costa, contadas para norte a partir do local onde terminava a capitania de Ilhéus, concedida a Jorge de Figueiredo Correia e prolongava-se como as outras para o interior até a fronteira, ainda não definitivamente fixada do Brasil. Na prática correspondia ao espaço situado entre a foz dos rios Mucury e Poxim. (REIS, 2000, p.17)

Em 27 de maio de 1534 o rei português concedeu ao donatário Pero do Campo Tourinho a carta de doação da capitania de Porto Seguro constituindo o início e fundação da capitania.

Pero do Campo Tourinho foi um dos primeiros donatários a partir para o Brasil iniciar suas funções como capitão, começar o povoamento e apropriação da capitania concedida pelo Rei D. João III.

O povoamento da atual cidade iniciou-se no local hoje denominado "cidade alta", em 1626 quando foi criada uma feitoria por Cristóvão Jacques destinada à vigilância da costa. A colonização foi feita pelos portugueses e os padres da Companhia de Jesus. (IBGE, 2010, p.01)

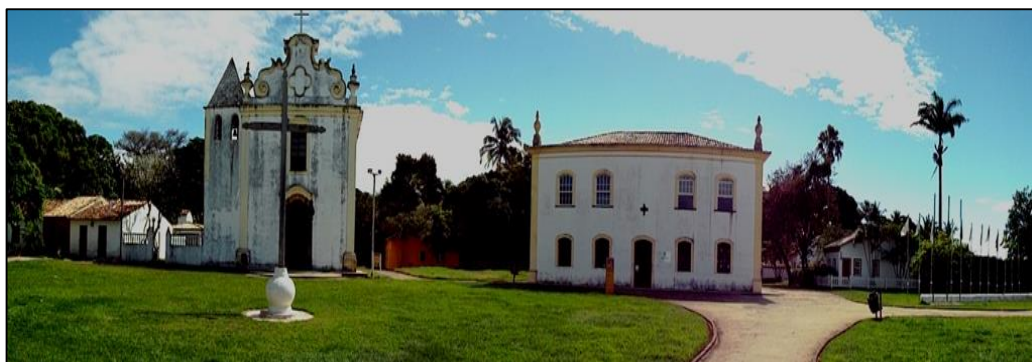


FOTO 7. Cidade Alta – Cidade Histórica – Porto Seguro (2013). (Fonte: WIKIPÉDIA, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016).

A Capitania de Porto Seguro coube em Carta Régia de 27 de maio de 1534 a Pero de Campos Tourinho, seu primeiro donatário que levantou a vila em 1535 na foz do rio Buranhém: construiu casas, fortes, capela, armazéns, estaleiro e forja, distribuiu terras aos moradores, criou um tomo para registro de sesmarias e iniciou a exploração dos sertões. (IBGE, 2010, p.01)

Na capitania de Porto Seguro, Pero do Campo Tourinho iniciou a apropriação e colonização do lugar destinado em carta régia pelo Rei Português dando início à construção e povoação do local, através da “cidade alta”, hoje conhecida pelos moradores locais como “cidade histórica”. Nessa localidade estão estabelecidas as primeiras construções constituídas de: Marco do descobrimento e posse (1503/1506), Casa de Câmara e cadeia, três igrejas católicas, a primeira escola jesuítica da região e um pequeno núcleo de povoamento.

Outro fator a ser realizado e que cabia como obrigação do capitão Donatário descrito em sua carta de posse referia-se à questão econômica, encontrar uma atribuição ou atividade para capitania que pudesse render lucros para o Donatário e para a Coroa Portuguesa. Entretanto, o Capitão Donatário deveria em primeiro lugar conseguir explorar de forma efetiva a região que lhe foi designada na capitania de Porto Seguro, as pequenas rendas (quando havia) vinham dos impostos cobrados dos trânsitos de passagem entre os rios locais e trocas comerciais entre as capitanias das vendas de produtos nativos, do pescado e de outras receitas. A capitania de Pero do Campo Tourinho não foi de grande destaque, entretanto, seu donatário esforçou-se em organizar e desenvolver o máximo possível sua possessão, de conjuntura econômica fechada e de difícil acesso a capitania mostrou-se muitas vezes como um entrave para a produção de lucros.

Diferente de outros Donatários Pero do Campo Tourinho não encontrou um entrave tão característico do Brasil colonial na capitania de Porto Seguro, as relações entre nativos e colonos eram amistosas, realizadas principalmente através de laços constituídos através de alianças políticas e matrimônios entre colonos e indígenas, num primeiro momento esse relacionamento construído na referida capitania foi realizado entre Tupis e colonos, logo depois, ressignificado por outros povos indígenas quando os primeiros migraram para outras regiões do nordeste baiano.

Um problema recorrente em adentrar os interiores para efetivar a exploração da capitania era a presença indesejada de povos nativos que acabavam por entrar em choque com os Donatários e colonos que para protegerem seus territórios invadidos e muitas vezes usurpados pelo colonizador lutavam de maneiras distintas pela permanência e posse dos mesmos.

Em grande parte, o colonizador teve que se relacionar com os grupos indígenas presentes dentro da América Portuguesa desde cedo, ainda que essa relação não fosse sempre pacífica, essas interações foram sendo construídas através do diálogo, das trocas comerciais e culturais, da imposição religiosa, da guerra e da escravidão desses povos. O litoral nordestino e os interiores contavam com uma diversidade de sociedades indígenas que compartilhavam entre si muitas características comuns.

O macro - grupo linguístico e cultural dominante na região era representado pela presença dos Tupis – Guarani no sul do nordeste baiano, entretanto, por diversas questões relacionadas principalmente pelas relações geradas com o colonizador muitos desses grupos acabaram por migrar para outras regiões do Brasil, principalmente para o interior, afastando-se do contato com os Portugueses.

Especificamente em Porto Seguro os Tupis ou Tupinambás como são conhecidos na região não foram marcadamente presentes, nessa localidade desde o século XVI a presença acentuada de grupos indígenas foi representada pelos Aimorés e predominantemente pelos Pataxós que se fixaram nas regiões litorâneas e no entorno da cidade.

Registros históricos destacam a presença do grupo Pataxó na região entre o rio Buranhém e a margem norte do rio São Mateus desde o século XVI. Entretanto, originalmente as terras do litoral baiano eram domínio do grupo Tupinambá que registravam trocas e guerreavam com outros povos. Há registros de visitas dos Pataxós às terras litorâneas. (PMMA, 2014, p.40)

Pertencentes ao grupo linguístico Macro – Jê e com características e cultura diferenciada dos Tupis, foram ao longo de seu processo de ocupação histórica contribuindo para a formação social e cultural da cidade de Porto Seguro.

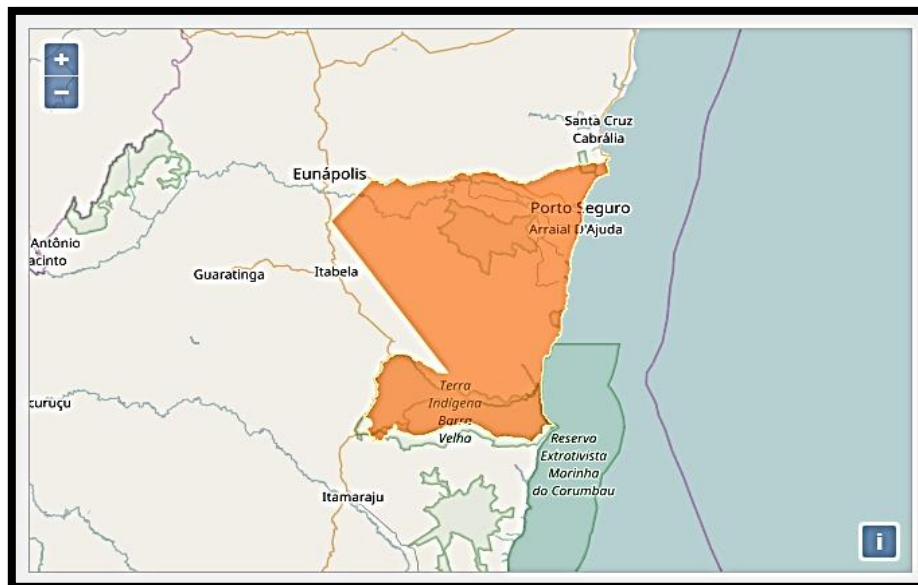
As boas relações entre indígenas e nativos foram desmoronadas à partir da administração de Fernão de Campos Tourinho, filho do primeiro donatário e segundo capitão da capitania hereditária.

Os Aimorés atacaram a capitania que somada com a já decadente economia e má administração do segundo donatário acabou por levar a possessão a ser vendida nos anos seguintes e durante o período de 1759 a ser inserida como parte da Província da Bahia. Em 1891 a capitania foi elevada à categoria de cidade com a designação de Porto Seguro.

As características da cidade foram transformando-se durante o seu processo de expansão, desfragmentando-se em áreas menores, revitalizando e reurbanizando seus espaços com a ampliação da população local, outro fator dentro do processo histórico sentido pelo município foi a modificação de uma de suas principais atividades econômicas: a pesca, que foi substituída pelo turismo.

A população foi integrada a regiões antes distantes, devido ao desenvolvimento do estado, a economia foi ampliada, o que acabou por fazer crescer ainda mais a população local; os índios foram afastados dos contatos com os nativos e remanejados para as reservas. Surge assim um município com características históricas e culturais intrinsecamente vinculadas ao processo construtor da sociedade nacional, uma pequena parte com capacidade de exemplificar em sua história as grandes tramas da formação do Brasil.

Atualmente a cidade de Porto Seguro situada no extremo sul da Bahia é entrecortada pelos municípios de Eunápolis, Santa Cruz Cabrália e Itabela (municípios fronteiro-limítrofes) e, banhada na região litorânea pelo oceano atlântico. Pertence à mesorregião do sul Baiano com uma distância de 723 km da capital do estado da Bahia (Salvador) sendo um município constitutivo da região conhecida como Costa do Descobrimento.



MAPA 4. Localização Costa do Descobrimento – Porto Seguro (IBGE, 2016)

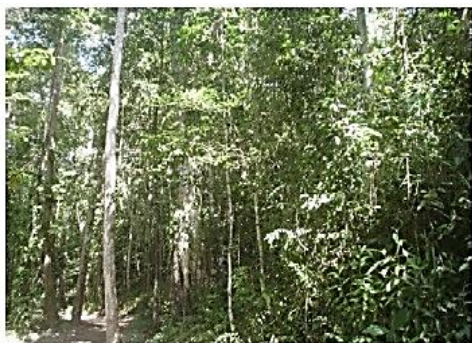
A cidade está situada na zona da Mata com um meio biótico conhecido como Mata Atlântica, composto de estreitas faixas de terras continentais com uma elevada diversidade biológica.

A Mata Atlântica é um dos biomas de mais elevada diversidade biológica e também um dos mais ameaçados. Acredita-se que esteja entre uma das cinco regiões mais importantes para a conservação no mundo, devido principalmente ao elevado número de espécies endêmicas e à reduzida área remanescente de vegetação nativa. (PMMA, 2014, p.25)

O nordeste brasileiro foi a primeira região do país a ser colonizada pelos portugueses, com um solo (massapê) com condições favoráveis à plantação de Cana de açúcar - principal atividade exercida nos primeiros anos do Brasil colônia. Em grande parte da história do município a pesca desenvolveu-se como uma atividade secundária, esta se constituía em uma complementação às economias coloniais e locais.

O município de Porto Seguro possui um clima tropical úmido que se situa entre 20º e 30º graus, condições climáticas essenciais para a existência de flora e fauna diversificada, características do meio biótico da Mata Atlântica.

A região litorânea nordestina possui a maior variedade costeira do Brasil, peculiaridades características da Zona biomática na qual está inserida.



Floresta ombrófila densa aluvial no vale do rio Pratiçu, Praia do Espelho.



Vegetação típica de comunidade aluvial do rio Buranhém.

FOTO 8. Vegetação do meio biótico da Mata Atlântica – (PMMA, 2014)

Porto Seguro está totalmente inserido no domínio da floresta ombrófila densa; mas apresenta grande variedade de ecossistemas associados de grande importância biológica, como as mussunungas/campinaranas, comunidades aluviais (representada pelos brejos, várzeas e alagados), restingas e floresta aluvial, além dos manguezais. (PMMA, 2014, p.25)

Na atualidade, o município é constituído de cinco distritos, sendo eles respectivamente: Porto Seguro, Caraíva, Arraial D´Ajuda, Trancoso e Vila Verde. Segundo dados do IBGE, possui uma população no ano de 2016 estimada em 147.444 habitantes e uma área de unidade territorial de 2.287,085 Km². Possuindo atividades distintas de produção econômica que se diversificam desde o turismo, a agropecuária, extração vegetal e silvicultura ao pescado litorâneo.

O município de Porto Seguro apresenta uma economia bastante diversificada. Os setores econômicos de destaque são o turismo, as atividades de comércio e serviços do polo regional, o setor de celulose e papel, além da agropecuária. Todos esses setores trazem implicações sobre a dinâmica da Mata Atlântica. (PMMA, 2014, p.42)

A principal atividade econômica da qual a cidade depende é o turismo que está diretamente vinculado aos recursos naturais oferecidos pela Zona da Mata Atlântica. O ambiente natural característico do bioma é um dos atrativos que fazem da cidade um dos roteiros turísticos mais procurados do nordeste brasileiro, tornando a atividade uma base econômica extremamente importante para a economia da localidade.

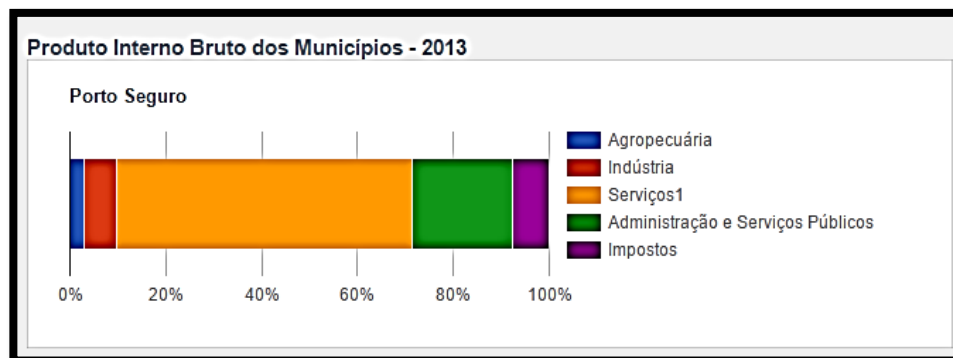


TABELA 1. Principais economias de Porto Seguro – Bahia. (IBGE, 2016)

Entretanto, o turismo não é historicamente a principal atividade, dentro do processo histórico – econômico da cidade a atividade primordial exercida pelos nativos era a pesca, prática econômica exercida antes mesmo da existência da Capitania de Porto Seguro.

A pesca era essencialmente uma atividade realizada pelos índios que no litoral se fixaram (Aimorés, Pataxós e Tupinambás). O colonizador aproveitou-se desse conhecimento através do contato com os povos nativos e aplicou como uma fonte de lucro para a capitania litorânea, é válido ressaltar que houve na verdade uma troca de conhecimentos entre nativo e colonizador, uma vez que os portugueses também tinham conhecimento em práticas pesqueiras devido à localização de Portugal na península ibérica e sua proximidade com o oceano Atlântico.

Toda lógica da economia da pesca foi rapidamente sendo substituída por outras atividades, como por exemplo, o turismo. Com o advento do turismo, as comunidades tradicionais pesqueiras acabaram sendo afetadas por estarem localizadas nas regiões da costa. Legando a pesca uma sub – importância, transformando-a em atividade periférica ou condicionada do turismo, as práticas tradicionais resistem hoje dentro de comunidades pesqueiras localizadas no município, exemplo importante é a colônia de pescadores presente na cidade.

As comunidades de pescadores tradicionais do Sul da Bahia foram as mais afetadas pelo desenvolvimento do turismo na região em função da sua localização nas áreas costeiras. Porto Seguro era uma cidade primordialmente dependente da pesca antes do rápido processo de integração à economia nacional a partir da consolidação da BR-101 que permitiu a integração das localidades menores ao longo da costa à economia do turismo que foi se desenvolvendo. (PMMA, 2014, p.41)

O processo de ampliação e ligação com outras regionalidades nacionais acabou por promover conexões que culminaram na integração do município à economia nacional e na rápida desestruturação da tradicional pesca litorânea em prol de um turismo que acabou por modificar a importância da economia da pesca e de outras atividades tradicionais relegando papéis secundários a essas atividades ou obrigando-as a se inserirem como sub atividades dependentes do desenvolvimento econômico proporcionado pelo turismo.

Localidades costeiras do município como Caraíva, Trancoso, Arraial d’Ajuda, Curuípe, entre outras de menor porte foram sendo absorvidas e modificadas pelo desenvolvimento do turismo, o que causou rápidas mudanças na organização econômica e social dessas comunidades diminuindo a importância econômica relativa da pesca em relação a outras atividades. (PMMA, 2014, p.41)

O desenvolvimento econômico possibilitado pelas novas organizações e ligações geográficas permitiu à cidade de Porto Seguro uma reformulação econômica e urbanística, como também a construção de uma nova identidade marcada hoje pelo forte crescimento do setor turístico. Hoje a cidade é um dos principais roteiros turísticos do nordeste brasileiro, entretanto, essa cidade possui uma identidade histórica e cultural que permanecem fixamente erigidas e perpétuas ainda na contemporaneidade, em seus casarios do tempo colonial, suas belezas naturais e tradições locais.

Para melhor apresentar a cidade, as tradições construídas ao longo do tempo e os processos de desenvolvimento econômico, compartilho as percepções de um entrevistado morador da cidade.

“Leo” - Eu chamo porto seguro de uma mini capital, aqui tem de tudo um pouco, de tudo que se pode praticamente encontrar em várias partes do mundo, só que ainda de uma maneira muito distante para a maioria das pessoas que vivem aqui, é tudo um pouco para quem vem como turista, para quem vem explorar, ou melhor dizendo, aproveitar a cidade.

Eu sou Leo Maciel Oliveira, eu tenho 34 anos, minha família está aqui na cidade de Porto Seguro há mais de 350 anos até onde eu pude confirmar, e fazemos parte de uma parcela, claro que pequena, da história recente da cidade, em pouco mais de meio século meu bisavô junto com meu avô foram

responsáveis, um dos responsáveis pela formação da colônia de pescadores, minha família é tradicional daqui, a gente não tem muitas posses, mas, temos uma tradição de moradores de porto seguro que dependem exclusivamente da pesca e que viu sua história sendo mudada também com a exclusão pelo turismo.

Continuando essa história do turismo... eu vejo o turismo como algo que é mal explorado, é só visado a parte financeira, mas, tem muita coisa, muita, muita coisa, sobretudo nas questões ambientais que poderia vir a ser aproveitado no turismo.

O crescimento do turismo diverge entre várias opiniões, uns associam o crescimento do turismo à sociedade moderna e o fato de Porto Seguro ter a história que tem com a chegada dos portugueses, local da primeira missa, e as primeiras igrejas, então, alguns associam o turismo a isso. É, outros associam aos movimentos hippies que vieram para o Arraial D'Ajuda e para Trancoso, e que começaram a espalhar brasil a fora a beleza da cidade e o estilo de vida que podiam viver, tipo Woodstock, com muita liberdade e uso de drogas e de muitas festas, e de passar dias, noites e madrugadas sem se preocupar com nada e se divertir a vontade, e conseqüentemente falavam das praias.

Outros também já têm uma visão que o turismo pelo menos é a influência com as pessoas da região, do Extremo Sul da Bahia, Espírito Santo e Minas (norte de Minas), alguns associam também o crescimento do turismo devido às tradições religiosas e principalmente à devoção a Nossa Senhora D'Ajuda que faz referência ao primeiro santuário mariano do Brasil.

Agora, eu com 34 anos de idade pude notar que juntando todas as informações que eu disse até aqui, pude notar que o crescimento do turismo teve também sua parcela com o crescimento da população, ele não ia crescer também do jeito que cresceu sem mão de obra para trabalhar, e a gente pode ver que o (...), a gente sabe que mora aqui, viu que o turismo, principalmente a parte de hotelaria, a parte de serviços na área de praias e tudo mais, aconteceu depois, aconteceu o boom né, depois do crescimento da população com os retirantes que vieram depois da crise da vassoura de bruxa do cacau, que teve na região de Ilhéus e Itabuna, a gente pode inclusive associar isso à formação dos bairros.

Outro ponto que me chama muito a atenção, pelo menos de maneira midiática, nacional e internacionalmente, foram as danças, a Lambaeróbica surgiu aqui numa barraca de praia, eu infelizmente não recordo o nome do cara que inventou, do rapaz, o dançarino que inventou, mas foi aqui na barraca de praia, se não me engano, Boca da Barra, que ficava, que foi queimada num acidente que pegou fogo junto com a barraca Reggae Night, (...) é, além disso tinha a lambada, (...) a lambada muito conhecida, que foi muito difundida nos meios da mídia na década de 80 e 90.

Então, assim, na minha análise, existem vários fatores para determinar, ou melhor dizendo, condicionar o que o turismo é hoje, mas, hoje o turismo ainda está do jeito que começou, sem um fator determinante, sem uma tradição cultural, é só uma tradição meramente comercial, então as empresas vêm, exploram como quer, não tem políticas públicas para o turismo, as que tem, não são expressivas e não condicionam a melhora do turismo, (...) sobretudo a qualificação do turismo.

Então, só para concluir essa parte do turismo, - eu vejo porto seguro com um turismo bem cheio de desafios, pra você ter ideia, aqui não tem um centro, ou seja, público ou privado, de formação para turismo, para guias de turistas ou para agente de turismo, para poder é (...), uma graduação na área, não tem (!). Então assim, quem quiser se formar, tem que ir para longe, tem uns cursinhos técnicos que não tem expressão nenhuma, muita gente nem considera e descarta, então são muitos desafios, (...). É, sobretudo como eu falei um pouco no início, na parte ambiental, ecológica, e por causa do turismo a gente já testemunhou aqui a perda, a morte de alguns rios, por conta da construção de hotéis de qualquer forma.

Então assim, eu tenho um grande amor por essa terra, e tenho muita dificuldade de sair daqui, o pessoal vem até passar férias aqui, e a gente nem se imagina passando férias em outro lugar, então (...) é (...), mas, saindo um pouco da história do turismo, eu vejo que tem muita coisa é (...), linda de se ver aqui, a própria história em si, o litoral do descobrimento, - (tem um historiador amador, chamado Romeu Fontana, você já deve ter ouvido falar dele), ele já provou por A mais B, os locais da primeira missa, o local onde pela contagem dos rios de acordo com as cartas de caminha, o Brasil foi descoberto.

Os considerados nativos de Porto Seguro hoje, aqueles que nasceram de famílias que já são daqui a muito tempo, que não são famílias que foram construídas nessa história recente, estão cada vez, cada dia que passa, perdendo seu espaço, com pouca representatividade, e (...), essa é uma mudança secular, as tradições se perdem, e (...), você vai diminuindo o tamanho do grupo que representa algo, e com isso você diminui o tamanho da força para poder preservar aquilo, e conseqüentemente você perde aquilo, é só questão de tempo, a gente tinha, por exemplo, tradições folclóricas, tradições natalinas, de semana santa, tradições que eram nossas, e que hoje se perderam.

Não se constitui de novidade dentro da história do município que a pesca na atualidade seja uma sub-atividade, um sub - legado, ocupando o lugar de um patamar secundário dentro da economia da cidade, e ainda que na atualidade exista dentro do setor pesqueiro um total de oitocentos pescadores,

essa atividade/saber não é o meio preponderante, como também não é o seguimento ao qual as futuras gerações pretendem seguir.

A atividade pesqueira hoje na cidade de Porto Seguro gira e se estabelece em torno de uma crescente crise, a escassez do pescado. Essa situação hoje se impõe como uma realidade e uma das principais dificuldades encontradas dentro da área litorânea do município, a falta de conscientização dos pescadores atuais e das gerações anteriores fez com que o pescado se tornasse cada vez mais de difícil acesso, hoje é preciso ir cada vez mais distante das antigas áreas de pesca para conseguir o peixe e diretamente, uma renda com sua venda. Outro fator preponderante nesse diálogo entre pescadores e sua atividade é a presença de outros “pescadores” vindos de regiões vizinhas, trabalhadores de empresas que possuem barcos mais equipados que acabam por rivalizar com a pesca artesanal praticada e realizada no âmbito da região de Porto Seguro. Na realidade atual, a tecnologia inserida no setor pesqueiro nem sempre condiz com uma prática equilibrada de pesca, tornando a entrada dessas transformações um instrumento de “risco” que pode acarretar em sérias consequências para o ecossistema pesqueiro e até mesmo para a transmissão desse saber para futuras gerações.

A entrada de material sintético, o uso de barco a motor e a entrada do gelo acarretaram transformações culturais, que foram positivas por um lado, mas houve a perda da tradição por outro (...). (VIANNA, 2014, p.05)

Toda a transformação realizada traz benefícios e malefícios à transmissão do saber, pois tencionam a uma remodelação dos saberes e das atividades realizadas que se instrumentalizam e que acabam por se distanciarem da pesca tradicional para acompanharem as necessidades do mercado consumidor do peixe.

Essa é uma situação crucial que vem se apresentando na região e que faz com que futuras gerações estabeleçam a pesca como uma atividade não tão importante ou gratificante na atual conjuntura, assumindo o saber como um legado transgeracional secundário que será assumido como uma atividade principal em situações de extrema necessidade.

Tudo vai começar a se perder porque os detentores de conhecimentos tradicionais das comunidades pesqueiras estão idosos e os jovens não estão mais interessados em adquiri-los (...). (VIANNA, 2014, p.05)

Na atual conjuntura da pesca no município os jovens não visualizam a ideia de concorrer com barcos mais instrumentalizados e empresas pesqueiras, uma via de atividade é saber qual seja o caminho para se seguir. As consequências são visíveis e se relaciona a perda de um saber tradicional, um legado geracional que, não deverá ser mais seguido e transmitido pelas gerações futuras.

3. APREENDENDO A PESCAR: ENTRE AVÔ, TIOS, PAI E SOBRINHO

A transmissão transgeracional só ocorre a partir do momento em que se pode estabelecer essa relação de troca de saberes dentro de um grupo familiar, segundo (Garcia et al, 2007); em seu texto sobre educando meninos e meninas através da transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar.

O ambiente familiar constitui cenário de encontro *intergeracional* – relações recíprocas entre as diferentes gerações – e *intra geracional* – interações que acontecem entre pessoas que pertencem à mesma geração. Nessas relações e interações ocorre a transmissão de valores, saberes e atitudes que possibilitam o processo de construção da realidade no curso vital de várias gerações (MACEDO, 1994, p.03).

Nas famílias que exercem e praticam um saber transgeracional (cultural) essa ação ocorre de diversas maneiras distintas e através de diversos membros que a compõem, através desses membros, existe a perpetuação e transmissão do saber tradicionalmente adquirido.

Nas famílias de pescadores, essa transmissão da tradição ocorre em diversas etapas da vida familiar, iniciando principalmente na infância e sendo primordialmente realizada em grande parte e caracteristicamente transmitida por homens mais velhos, algo que pode ser percebido através da resposta dada pelo entrevistado durante nossa conversa:

P – Quem te ensinou a pescar?

“Cleiuodson” – ***Pode dizer que foi meu avô ...***, mas na verdade a família inteira pesca, então meus tios colaboraram também, meu pai por muito tempo, mas basicamente iniciei minha vida na pescaria com meu avô.

A construção do saber é progressiva, realizada por diversos componentes de uma mesma família, é uma necessidade do grupo transmitir para permanecer, nessa trama familiar os indivíduos colaboram entre si para a formação das novas gerações – (transmitem aquilo que sabem e apreenderam com os mais velhos).

Existe na fala do entrevistado uma declaração sobre o processo transgeracional (“foi meu avô”, seguido de uma segunda afirmativa – “meus tios

colaboraram também”), o processo de transmissão do saber da pesca nessa família de pescadores é algo que passa entre gerações distintas, vindas de avós, tios e pais, é um processo transgeracional.

“Cleiuodson” - **Bom, na verdade a pesca vem de gerações de pessoas que eu nem conhecia...**, meu bisavô já pescava, meu avô por pouco tempo pescou, os filhos do meu avô, meus tios (...) Alguns pescam até hoje, da família do meu avô, o único que não pesca atualmente é o meu pai. – meu pai pescou até os 18 anos, e depois resolveu trabalhar com pousada e até hoje trabalha com isso. Mas eu, (-) eu ajudei a pescar durante um tempo, tenho alguns primos que pescam até hoje. Na verdade, eu cheguei a pescar mais durante a época de escola, nas férias, ou épocas mais tranquilas, ganhava dinheiro com a pesca, eu ia pescar com meus tios, mas foi primeiramente com meu avô, quando eu era mais novo, por volta de meus nove até uns treze anos de idade, e dos treze aos 16 eu pesquei com os meus tios.

“Cleiuodson” - **A pesca sempre esteve presente na minha vida...**, desde nascença, até os dias de hoje, apesar de não exercer a profissão, a pesca foi o que sustentou a minha família inteira, sustentou e sustenta até hoje, sem ela, a gente não teria nada do que a gente tem. – Meus primos por exemplo, não estariam formados, eu não estaria formado, minha não família não estaria bem estruturada do jeito que é hoje. –

“Cleiuodson” - **É realmente uma atividade familiar – a pesca...** Basicamente minha vida de pescador iniciou com meu avô. - Desde muito pequeno, minha família sempre falava de pesca, meu avô teve barco, meus tios têm barco (...) – até os nossos passeios no final de semana eram para ir a algum lugar para pescar, era ir para Coroa Alta, Recife de Fora para passear, sempre algo relacionado com a pesca.

Então, sei lá, eu tenho fotos minhas que eu não lembro daquele momento, eu era muito pequeno, mas estava pescando com meu avô, eu deveria ter uns quatro ou cinco anos de idade, e lá estava toda a família em volta também. Para ter ideia, a minha memória mais antiga, eu acho, porque não lembro exatamente a idade que eu tinha na época, mas era um passeio que foi uns

dois ou três barcos da família e de amigos, e a gente ia para o Recife de Fora ficar pescando peixe e passar o dia lá.

“Cleiuodson” - **O meu interesse pela pesca se iniciou por causa da minha família...**, por causa de todo o resto dela, eu tinha uma relação bem próxima dos meus avós, então boa parte da minha infância eu passei na casa deles, só ia dormir em casa, o resto do tempo eu passava com meu avô. Então, quando meu avô não tinha um companheiro adulto, o companheiro de pesca dele era eu. Foi meio que natural seguir esse caminho de pescar.

Mas como evidenciar corretamente esse processo transgeracional na vida dos indivíduos envolvidos? – Uma forma mais abrangente e perceptível para realizar essa análise é através do contato e da fala desses mesmos indivíduos, que são cheias de simbólicas estruturas de transmissão, quando o quesito de foco principal é pesca e transgeracionalidade, nada mais importante para perceber essas situações do que ouvir e perceber a fala dos indivíduos e de suas histórias de vida, enquanto pescadores e detentores do saber e da prática.

“Victor” – (-) **Eu sou filho de um pescador...** Meu pai foi a pessoa que me ensinou a pescar, mas minha família ajudou no processo, mas desde pequeno eu gostava de ver meu pai chegando da pescaria, aí sempre pedia pra ele me ensinar a pescar, foi aí que aprendi de verdade.

“Victor” - **Outra questão, é que desde pequeno vivi na beira do Cais...** vendo meu pai, tios e avô chegarem das pescarias, eu digo sempre (!), que primeiro aprendi vendo e através do silêncio e tranquilidade deles na pesca. Não recordo muito bem a primeira memória que tenho relacionada a pesca, mas, com certeza ela foi transmitida por um parente (familiar), ou por companheiros de meu pai, já que na minha família, quase todos são pescadores.

“Victor” - **Hoje eu tenho certeza de que a pesca foi o trunfo da minha sobrevivência (...).** - Eu não segui nada relacionada a pesca, meu motivo foi

um só, queria algo novo, mas, meu pai, meus irmãos, meus tios, muitos ainda hoje, transmitem o saber para os mais novos da família com menos frequência, já que atualmente, os pescadores profissionais da família são apenas meu pai e meu irmão.

Mas, sei que foi da pesca de onde meu pai retirou todo o sustento de nossa família. Foi nessa mesma família, tanto por parte pai, quanto de mãe, que eu aprendi tudo que sei da pescaria, passando de geração em geração, uma família onde basicamente todos são pescadores.

Pode-se constatar as seguintes questões relativas às falas dos dois entrevistados, entre elas, a primeira e mais significativa está centrada na figura masculina, ambos os indivíduos em suas narrativas de história de vida concentram a pesca como uma atividade prioritariamente de homens, todo o legado e papel cultural da pesca ensinada aos meninos é realizada em grande parte através dos homens da família, cabem a eles o legado, a transmissão da tradição e do ensinar a pescar. Em grande parte, esse legado aos homens da família consiste em preservar as mulheres da família de áreas da cidade que são de margem (prostituição, drogas e prioritariamente masculinas), locais que não são bem vistos ou propriamente ocupados por mulheres de bons costumes.

Um segundo quesito nessa relação de indivíduos e transgeracionalidade é que ela realmente acontece dentro do seio familiar, em ambos os casos a narrativa das histórias de vida nos leva a conhecer outros membros do grupo familiar, entre eles estão inseridos pais, avós e tios.

O conhecimento pesqueiro – traduzido em suas formas de gestão – é patrimonial, ancestral, que transborda de geração a geração, tanto pela força da oralidade, como no ato de ver alguém mais velho pescando. É, a partir daí, que os segredos aquáticos são revelados aos mais novos, e que se entende as artimanhas das águas. (RAMALHO, 2004, p.64).

Ambos com papéis de suma importância no processo de aprendizagem do legado familiar, constituindo a base da transgeracionalidade do conhecimento entre os mais velhos e os mais novos membros do grupo familiar.

Ver, fazer e conservar na mente o aprendido é o caminho para se tornar um pescador. De fato, essa aprendizagem nunca foi feita diferentemente, porque a sua rotina sempre foi essa, passando de avô para o pai, do pai para o filho, dos mais velhos para os mais jovens e/ou dos mestres para o restante da tripulação embarcada. P64 ramalho (RAMALHO, 2004, p.64).

Percebe-se uma relação de conhecimento familiar construído entre esses indivíduos, uma base de referência e até mesmo crença nos indivíduos transmissores do conhecimento. Grande parte dos meus entrevistados poderia até não lembrar da primeira vez que pescaram, ou dos primeiros contatos com o conhecimento familiar, mas tinham a convicção e certeza da participação importante de seus pais e avós no processo de aprendizagem da pesca. Muitos deles sabiam que as conversas e rodas familiares, os passeios de final de semana eram sempre relativos à pesca, e que homens como os pais e avós eram centrais nessa transmissão de conhecimentos, sempre diziam entre as entrevistas que a família se punha a ouvir as histórias desses homens do mar, suas peripécias e feitos no mar.

Outro importante fator para esses indivíduos sempre foi a predominância do mar, do litoral, do Cais ou tarifa da cidade em suas vidas, pois sempre marcaram a centralidade do conhecimento dessas famílias, foram nesses lugares que essas famílias construíram o seu sustento, suas histórias, seus legados, além de tudo, construíram parte das identidades desses indivíduos que compõem as famílias atuais de pescadores.

É o lugar do triunfo da sobrevivência, seja da sobrevivência econômica ou até mesmo da sobrevivência do próprio conhecimento do saber transgeracional da pesca.

Enquanto lugar do triunfo da sobrevivência econômica, sempre entre as entrevistas eu pude perceber a importância da pesca como atividade econômica em um determinado período da história de vida dos entrevistados, principalmente quando a pesca consistia na única fonte de renda dessas famílias. Ambos os entrevistados tiveram como base de sustento de suas vidas durante a infância, a pesca, e suas tramas econômicas, realizadas muitas vezes em barcos e tarifas de pescadores.

O primeiro entrevistado, **Cleuodson**, não apenas aprendeu de seu avô a pesca como conhecimento, mas como prática econômica que sustentava a

vida financeira da sua família, lembro-me dele dizer que: “- a pesca foi o sustentáculo pelo qual meu avô criou os meus tios, meu pai e até mesmo a mim”. E para ele, isso tinha uma significância única, pois ele estudou, comeu e se vestiu do dinheiro da pesca. Não apenas isso, ele pescou com o avô várias vezes e sabia o custo do pescado, a divisão dos valores com os companheiros de barco, o valor do combustível, o valor final que iria receber. Essa é uma pesca (conhecimento) que em seu valor econômico, vale pouco, não se fica rico pescando de linha ou rede, de forma tradicional, foi o que muitos dos meus entrevistados me disseram, mas, se sustenta uma família, se cria vínculos e até mesmo uma história de vida e transgeracionalidade familiar.

“Cleiuodson” **A pesca da minha família é artesanal até hoje...**, meu avô durante muito tempo pescou de linha, anzol, chumbada e linha (...). Com o passar do tempo, meu avô até pescou com arrastão, um pouco com rede. – Meus tios, hoje em sua grande maioria pescam com rede e ainda tem uns que usam o arrastão. A nossa família na verdade, a gente (...), nunca foi muito bem de vida, mas nunca faltou nada em casa. – Então eu ia pescar para poder comprar uma bicicleta para mim, uma roupa, pagar um curso, coisas assim.

É importante ressaltar que em nenhum momento o objetivo real dos trabalhadores do mar é enriquecer com a pesca, em grande parte, existe uma realidade que pressupõe a desnecessidade do trabalho contínuo e persistente igual aquele realizado em outras atividades capitais, entre pescadores artesanais, para melhor esclarecer essa questão, pontuo aqui da seguinte maneira, as relações sociais e econômicas que os pescadores erigem com seu saber no mar são em grande parte reconhecidas como um trabalho livre pelos mesmos, entretanto, isso não significa que o fator econômico não exerce um peso sobre a vida dessas pessoas, ao contrário, pescadores necessitam vincular sua atividade e saber com o fator econômico, mas possuem uma maior liberdade ao exercerem suas atividades e até mesmo com o seu tempo e suas relações de trabalho.

Nesse sentido a pesca constrói-se em um recurso que permite a autonomia do trabalho dos pescadores, além de tornar-se parte de uma herança cultural que permite flexibilidade e liberdade de trabalho para o pescador.

É dizer de forma concreta, que de maneira geral, o pescador é um agente regulador das suas próprias necessidades, o ritmo de pesca, o fluxo e a necessidade do capital econômico ao qual deve ser garantido pelo mesmo dependerá em grande parte de sua própria necessidade e dinâmica de vida pessoal.

“Cleiuodson” **Quando pescava com meu avô, o dinheiro era mais simbólico...**, porque na pescaria funciona assim, de maneira geral, você vai pescar (...), o dinheiro que você consegue vendendo peixe, uma parte fica para o barco, uma parte fica para o equipamento e outra parte é divindade para quem estava pescando, e meu avô, se a gente ganhava duzentos reais, - uma parte era pro barco, iscas, esses tipos de coisas, óleo, outra parte ia para, outra deveria vir para mim, só que nesse tempo eu tinha dez anos de idade, e o máximo que eu fazia era atrapalhar ele, não sabia muita coisa de pesca, então ele me dava tipo uns trinta reais ou vinte reais, que na época era até um dinheiro bom, na verdade assim, entre 1999 e 2000, valia um pouco mais até. - Eu comecei realmente a ganhar mais dinheiro na pesca, quando comecei a pescar com meu tio, eu já era um pouco mais velho também, então o dinheiro que tirava, era dividido em parte igualitária.

Victor, já partia da ideia de que pescar realmente foi importante para sua família, e que graças a pesca, seu pai conduziu a sobrevivência econômica de sua família, como fizeram também outros membros de seu grupo familiar, mas ele ressaltava uma outra questão, que para ele era muito importante e que me ficou clara com uma realidade local dos novos jovens da cidade. Pescar hoje, atualmente, apenas por lazer, e isso não se diferencia do pensamento de **Cleiuodson**, e nem mesmo de seus pais, tios (que apesar de ainda exercerem a pesca como atividade profissional e financeira), não a veem como uma atividade de futuro para as novas gerações.

O que percebi dessas famílias, é que grande parte das novas gerações, ainda que percebam a importância do legado transgeracional familiar, não veem no mesmo, um futuro financeiro promissor, ou não se veem como pescador, como antes foram os seus pais e parentes, seja pela escassez do pescado ou por outros motivos (...). Essa é por sinal, uma visão compartilhada pelos próprios

pais, que desejam uma vida melhor para seus filhos, que desejam que façam uma faculdade, tenham um futuro melhor que o deles, uma vida menos “pesada”, como muitos dos entrevistados revelaram em suas entrevistas.

Desviando um pouco do setor econômico, pode-se situar esses locais de encontro de pescadores, também como ponto primordial e primeiro da supervivência da herança transgeracional entre pais, filhos, primos e tios. Pois, seguido da família que é o leito do conhecimento, essas práticas se constroem em lugares específicos e carregados de significados.

Para muitos dos entrevistados, esses lugares trazem em si uma carga de memórias e saberes, pois foi exatamente nesses ambientes, que saber e prática se correlacionaram e se construíram como parte da identidade desses indivíduos.

Muitos deles relataram suas memórias do tempo da pesca, como as situações em que se reuniam em madrugadas para sair para pescar e que precisavam ir cedo para pegar os barcos, o encontro na tarifa, o encontro com outros pescadores, o lugar do encontro do conhecimento e da prática.

Nesse processo de transgeracionalidade, o conhecimento e a prática estão sempre se relacionando, principalmente quando se fala em apreender a pescar, os indivíduos apreendem em casa, nas rodas de conversa, com os pescadores amigos da família, dentro do barco, pegando na linha, puxando rede, acordando de madrugada, vendendo peixe na tarifa.

O processo transgeracional encerra em si, características que se desdobram na formação cultural e nas identificações desses indivíduos do mar, essas características são em grande parte ações e atividades próprias que determinam as características de um grupo, constituem-se em seu legado, histórias e atitudes.

Nas palavras do Pescador 3: “*Meu pai fazendo isso que eu to fazendo aqui, eu tava perto, tava olhando e pegava e fazia.*”. Do mesmo modo como ocorreu com o Pescador 3, os demais pescadores entrevistados também aprenderam sobre as atividades pesqueiras com seus familiares, conforme Pescador 1: “*Eu aprendi com meu pai, eu não sabia, eu levava os materiais para ele e ele fazia. Aprendi olhando.*”. De maneira semelhante o Pescador 2 que trabalhou com seu tio dos 11 aos 14 anos de idade afirma “*[...] fomos vendo e aprendendo.*”. Com base nessas transcrições é possível compreender que os etnosaberes da pesca artesanal foram gerados por meio da experiência

à qual foram expostos os pescadores. Indo ao encontro das ideias de Veiga-Neto e Nogueira (2010), experiência essa que, como o saber, é “única, irrepetível e intransferível” (p.83). (SALDANHA e LARA, p.10).

É dizer que o ato de fazer redes, saber pescar com linha e ter as atenções devidas em relação a vida no mar e que dela provém, constituem características de um grupo único, que se diferencia dos demais legados e grupos artesanais, a partir do momento que se domina as técnicas e símbolos pertinentes ao grupo corresponde.

É um processo muitas vezes silencioso e árduo, lembro de um dos entrevistados ter dito em determinado momento: “- *Meu avô também me ensinou através do silêncio, eu o via fazer as coisas, depois ia tentar fazer*”. Ou então dizer: “- *Às vezes íamos para alto mar, passávamos o dia inteiro pescando e voltávamos sem nada. - Pescar não é nada fácil*”. Um dos entrevistados, quando questionado por não ter seguido o caminho de pescador, descreveu sua desistência da pesca da seguinte forma:

“Cleiuodson” - ***Na verdade, não é que eu tenha desistido..., é que apareceram outras oportunidades (...), meu pai desde sempre queria que eu estudasse, que eu fizesse escola normal, até o ensino médio, me formasse numa faculdade, conseguisse o grau de bacharelado, e as coisas (...). Minha família toda queria isso também, na verdade minha família toda se sustentava da pesca, mas ninguém quer que seus filhos se tornassem pescadores, porque não é uma profissão muito fácil de se lidar, pois exige muito do seu corpo e da sua mente. Então meus tios, meu pai, sempre apoiaram a gente a tentar outras carreiras, que não fosse a da pescaria.***

A transgeracionalidade ocorrida entre indivíduos não é algo enxuto ou fácil de ser compreendido e percebido, ao contrário disso, ela também, não é algo que acontece entre as gerações sem causar impactos. O processo transgeracional em suma, carrega uma carga de significados distintos entre as famílias (valores da pesca, importância do saber e do legado familiar), mas por outro lado carrega marcas semelhantes, pescadores que não querem ser mais pescadores, que apesar de gostarem da pesca como lazer, não a querem

como atividade profissional, que não a veem como um saber lucrativo e não a querem para as futuras gerações.

*“Luan” **O meu pai, uma vez a gente foi pescar...**, ai eu cheguei na praia e ele falou comigo que meu avô pescava muito, que ele vivia da pesca, que ficava 15 dias em alto mar, que ele ia com os amigos dele pescar e trazia muito peixe, mas que era uma vida difícil.*

*“Luan” **Meu avô disse que não gostaria que eu fosse pescador...**, mas que eu sempre poderia pescar por lazer, ele não queria que eu fosse por esse caminho da nossa família, porque a vida de pescador é muito dura. – Que a pesca pode ser o meu lazer, que eu posso pescar no final de semana, e talvez quando eu estiver maior, pescar com os meus filhos. Ele me contou que hoje em dia tá muito difícil ser pescador, hoje já não tem tanto peixe como antes, já não é mais fácil ser pescador.*

*“Cleiuodson” **Meus tios pescavam e com o dinheiro da pesca...**, eles montaram a casa deles, com esse dinheiro eles também montaram uns pontos, então eles compravam um terreno e construía alguma coisa. Hoje em dia, além do dinheiro da pesca, meus tios tem o dinheiro dessas casas, quitinetes, alguma coisa que eles alugam. – Então o dinheiro da pesca vem junto com esse dinheiro dos aluguéis. – É um complemento a verdade, mas, tudo veio da pesca. Hoje ainda, acho que a maior parte do dinheiro vem da pescaria e não do aluguel. A vida de pescador não é muito fácil, sabe(?). - Pode ser meio hipócrita eu falar isso, porque minha família hoje tem uma condição boa. Mas a pesca sacrifica muito, fisicamente é pesado (...), o ambiente do Cais não é um ambiente muito sadio. Tem muita má influência, é um lugar de ponto de tráfico e de prostituição.*

- Acho que praticamente, que toda zona portuária de toda a cidade é isso que acontece, (...) não é uma área nobre da cidade, pelo contrário. Inclusive eu tenho um tio, que o filho dele seguiu a carreira de pescador, mas por ele, não seguiria essa carreira. Inclusive esse primo meu é formado em educação física, fez a faculdade que o pai queria que ele fizesse, mas ele seguiu a carreira de pescador, meio contra gosto da família.

Depois de tudo dito até aqui, uma conclusão é possível de ser realizada. Para o processo transgeracional, fica evidente que preponderante é a existência de um ambiente constituído de indivíduos com um vínculo de parentesco, esses encontros intergeracionais acabam por formar relações recíprocas entre os indivíduos de uma mesma e inclusive de diferentes gerações – é um processo intrageracional como descrito por *Macedo (1994)*, dentro dessa ação entre indivíduos, as interações que acontecem ou melhor dizendo, as relações, compõem interações de transmissão de valores, saberes e atitudes que vão construir o processo de identidade e realidade de mundo das gerações envolvidas.

Como comportar o descrito no parágrafo anterior com a realidade dos meus entrevistados (?), pensando até aqui, a experiência de **Cleiuodson** e **Victor**, são de uma geração que já não pesca de forma profissional, e que pertencem a um grupo que exerce o saber através do lazer, mas que indiferente a questão da prática, seu processo transgeracional foi constituído pela relação com indivíduos de parentesco, não apenas isso, construídas e confeccionadas em ambientes propícios para a transmissão de valores e saberes relativos a pesca.

Quando relaciono a minha pesquisa aos indivíduos **Cleiuodson** e **Victor**, transcrevo um processo de memória da pesca que passou, que já foi vivenciada, de uma atividade que era realizada e que hoje, apesar que permaneça como um conhecimento, é uma atividade de lazer.

Cleiuodson é um homem em seus 27 anos de idade, bacharel em engenharia florestal, propõe uma outra visão de pesca na atualidade, uma que compartilha o mesmo viés de sua formação, mas, por outro lado carrega um legado de pescador, formado na oralidade e na tarifa de Porto Seguro, compreende a importância do saber da pesca, pois a vivenciou de perto, e da sua significância e permanência, como também, a necessidade de sua proteção. Durante as entrevistas, Cleiuodson, muito relacionou a sua formação com os saberes trazidos da pesca.

Victor segue uma proximidade com Cleiuodson, em seus 22 anos, afastado atualmente da cidade para fazer curso superior, decidiu não optar por ser pescador, por entender as dificuldades relacionadas ao sistema pesqueiro, entretanto, seus familiares e ele mesmo, sempre que pode, voltam a pescar.

Victor tem um olhar para a pesca, que enaltece o legado familiar e pressupõe sua salvaguarda.

Para realizar um contraste das histórias descritas, insiro como parte das entrevistas e para encontro de diálogos e histórias de vida, **Luan**, um adolescente de 14 anos, uma outra geração (tecnológica por sinal, com uma grande facilidade de acesso a informação), que não carrega uma percepção de mundo formada como os outros entrevistados, que não se baseia apenas na oralidade como forma de construção de conhecimento, que vivencia uma outra realidade da pesca em Porto Seguro, e que em suas próprias palavras, vem conhecendo a pesca através de seu avô que o ensina no tempo livre, **Luan** tem a consciência de que não necessitará da pesca como fonte de renda de sua família, que seu futuro consiste principalmente em estudar e ser aprovado em uma faculdade.

Ainda assim, **Luan**, esse entrevistado compartilha de algumas semelhanças com **Cleiuodson** e **Victor**, essas similaridades se constituem principalmente da transmissão construída através de um ambiente comum (lugares de pesca) e de indivíduos que compartilham algum tipo de parentesco e que são detentores do saber da pesca.

“Luan” – o meu avô me ensinou a pescar com linha em barco, ... O barco fica parado, aí a gente pega o anzol e a linha e joga até o peixe vir. Os meus tios pescavam, o meu pai pescou, mas hoje quem me ensina a pescar mesmo é meu avô. Na verdade a pesca tem um significado muito importante para mim e para minha família, porque os meus avós sempre pescaram, os meus tios, o meu pai e até os parentes deles, que são os irmãos mais velhos do meu avô. Aí o meu avô começou a me ensinar a pescar, e eu acho que a pesca é muito boa, porque faz parte da nossa família, e ela é importante também para se alimentar, para você ter como um momento de passar o tempo. – Acho que sei algumas coisas de pescar por que meu avô me ensinou, e também tem o marido da minha avó, que não é meu avô, mas que me ensinou muitas coisas de pesca, porque também é pescador. – uma das coisas que lembro sempre quando vou pescar, é do meu avô sempre dizer e me ensinar que para pescar é preciso ter paciência, que tem que saber esperar, que não é tudo na hora que

a gente quer, que o mar tem seu tempo certo, e que a gente tem que ficar muito calmo, não pode ficar irritado, tem que saber esperar, sabe (?).

“Luan” – **Em casa, a gente ainda fala muito de pesca...**, a minha avó mesmo, me ensinou o nome dos peixes, me ensinou também como se deve comer peixe, se ele tem espinhas ou não tem espinhas (...). O marido da minha avó me contou que era muito melhor pescar em alto mar, que hoje em dia já não está muito bom para pescar, que tem muita gente, que em alto mar é muito mais calmo e tem mais peixe. – Já meu pai, quando a gente vai pescar, quando chegamos a praia, ele sempre fala comigo do tempo em que meu avô pescava, de como eles viveram da pesca, e como esse tempo de hoje, não parece mais com o de antes, - bom mesmo, era o tempo da pesca do meu avô (!).

“Luan” – **Eu sei pescar muito pouco na verdade**, é (...) foi no começo desse ano, o marido da minha avó, (...) é que a gente, é muito próximo, ele mora na mesma casa que eu, - Foi ele que me levou para a praia. (-) Ai, teve um dia que a gente foi pescar, nesse dia nós fomos a praia dos pescadores, onde tem alguns barcos. Ai a gente não pescou com vara..., a gente pegou o anzol e ficou lá, umas duas ou três horas em cima do barco e a gente conseguiu pegar quatro ou cinco peixes (...). – E eu consegui pegar mais que ele, foi a primeira vez que eu pesquei. Na verdade foi a primeira vez, que eu pesquei mais para alimentar, porque na primeira vez eu tinha ido na fazenda mãe Tereza, e lá a pesca é esportiva, não é igual à que meu avô me ensinou, mas lá eu consegui pegar uns peixinhos, mas esses eu tive que devolver.

“Luan” – **Os meus tios também pescavam ...**, na verdade eu aprendi muita coisa com eles também. – Teve um tio meu que pescava com meu avô, só que ele já faleceu a algum tempo, e ele era um bom pescador, meu avô me contou muitas histórias de quando eles pescavam juntos, foi com ele que eu aprendi a pescar com rede (...). - Teve um dia que a gente foi lá em Guaratinga, que é uma cidade aqui próxima, e ai, a gente foi pescar lá. Ele pescou com rede, em uma cachoeira lá. – Foi nesse dia que ele me ensinou como se pesca com rede.

A transmissão transgeracional ocorre a partir do momento em que os indivíduos são capazes de começarem a estabelecer relações de trocas de saberes dentro de um grupo de parentesco, como fica visível dentro das falas dos entrevistados.

Esses saberes são resinificados pelos novos pescadores ao longo do processo de transmissão entre gerações, algo perceptível, é que, grande parte da transmissão de saberes e identidade de grupo, ocorre em grande parte, durante a infância e parte da adolescência, é nesse período, que os saberes transgeracionais são passados, identificados e perpetuados para as novas gerações, o que permite também que esses grupos permaneçam com seu saber tradicional resguardado, fortalecendo assim, a própria identidade enquanto grupo.

Dentro dos grupos de parentesco que exercem e praticam o saber transgeracional (cultural), é improvável que essa ação de transmissão não ocorra de diversas maneiras distintas e através de diversos membros que a compõem, pois, todo o processo de transmissão, ocorrerá através de membros familiares, que compreendem e já se apropriaram do legado cultural do grupo ao qual pertencem, e o transmitem as gerações seguintes. Assim, a perpetuação e transmissão do saber tradicionalmente adquirido acontece, permitindo a permanência, perpetuação e continuidade da transmissão para as gerações seguintes.

Ainda que existam as vicissitudes dentro do processo transgeracional, aqueles indivíduos que pertencem ao grupo de pescadores, mas que não seguem o legado tradicional de suas famílias, que rompem com a atividade herdada por motivos descritos durante as entrevistas (exemplo dos entrevistados que abandonaram a prática, por questão de fatores econômicos), ainda assim, o rompimento com a prática, não pressupõe rompimento com o saber recebido das gerações anteriores. Significa dizer, que ainda que hajam vicissitudes nas práticas, as transmissões continuam ocorrendo, mesmo que elas aconteçam através de arranjos diferentes, que sejam remanejadas (adaptadas) e transmitidas, como por exemplo, através de uma pesca realizada apenas para o lazer.

A transgeracionalidade continua a acontecer, as gerações continuam a assegurar o processo de transmissão geracional, o legado familiar e artesanal

da pesca, dá-se de forma continuada, os rompimentos, esses se dão em uma vertente que engloba mais a dinâmica da vida prática de pescador do que o saber em si.

3.1 Um único saber transgeracional

Um dos entrevistados quando questionado em relação a crescer no meio de pescadores, respondeu-me: - *“É uma vida normal, a única maior diferença é nossa alimentação, sempre repleta de peixes e frutos do mar”*. É uma vida regular realmente, mas que comporta características geracionais únicas, algo que é partilhado entre todos os entrevistados que compõem o grupo de filhos de pescadores artesanais.

Compartilham de um tempo da pesca, onde as histórias dos avós são partilhadas pelo grupo, onde os feitos da vida do mar e dos indivíduos que cresceram em torno dessas vidas litorâneas, é preponderante para a formação das novas gerações. É uma vida de narrativas próprias da identidade de um grupo, que se reafirmam para as novas gerações através das histórias, dos feitos, dos passeios em famílias, do aprendizado silencioso, da convivência com os homens do mar.

Quando se observa o cotidiano dos grupos populares nota-se com muita clareza que há uma diversidade de saberes que se inter cruzam e se interfecundam nesse espaço. Alguns destes saberes destacam-se como o saber gestado na experiência do grupo, ancorado no qual os participantes enfrentam os problemas do dia a dia (..). (DAMASCENO, 1995, p. 29).

É um aprendizado sensível aos olhos, aos ouvidos, palpável muitas vezes, pelas técnicas, sinais e gestos. A transmissão entre gerações ocorre dentro de casa, na praia, nos finais de semana, no barco, nas rodas de conversas da família, na hora do almoço, entre avós, tios, primos e pais.

Sobre o modo como os indivíduos elaboram seus saberes Veiga-Neto e Nogueira (2010) apontam que estes não podem ser “in(tro)jetados” na mente de alguém e sim dispostos de “[...] determinadas maneiras e com determinadas ênfases ou realces e omissões ou silenciamentos, de modo a criar as condições de possibilidade para que cada um entre na rede de práticas

discursivas e não-discursivas [...]” (p.79). (SALDANHA e LARA, p.09).

É tangível através do parentesco, mas também, pela proximidade com objetos, falas e símbolos. Atos ensinados, como colocar anzol, apreender a pescar com redes ou linhas, ou até mesmo silêncios e gestos, são de um simbolismo transgeracional que reafirmam e significam o momento da transmissão entre distintas gerações.

O ato do passar o conhecimento para um membro mais novo da família, ensiná-lo a realizar uma tarefa que pertence a um grupo específico e que perdura durante gerações, consiste em si mesmo, como um ato transgeracional de suma importância para a continuidade e existência daquele grupo em frente as transformações.

Esses saberes são desenvolvidos pelos pescadores ao longo de um processo histórico, que se inicia geralmente no fim da infância e entrada na adolescência, quando esses sujeitos começam a se aproximar do trabalho da pesca a partir das relações que estabelecem com seus familiares, principalmente o pai ou o avô, o que nos permite afirmar que o trabalho da pesca também perpetua nas novas gerações um fortalecimento de classe, uma vez que ao se identificarem a partir de um saber comum, que é por todos dominado e compartilhado, esses sujeitos acabam garantindo que a tradição e a cultura, que diretamente está ligada ao trabalho que em comum executam, não desapareça diante das “modernas” relações de trabalho imposto pelo capital e seus pragmáticos modelos de trabalho. (RODRIGUES & MARTINS. 2015, p.14).

Grande parte dos entrevistados que dão voz a essa pesquisa, compreendem a importância do saber da pesca e da seriedade envolta em seu processo de transmissão para outras gerações, e se compreendem como parte integrante desse processo transgeracional, como também preocupam-se com o futuro da pesca artesanal na cidade, já que grande parte dos jovens atuais não se interessam por seguir essa atividade, que **não** para muitos, não consiste em algo lucrativo e fácil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrendo a trajetória construída ao longo do corpus do trabalho é possível perceber que Porto Seguro – Ba constrói-se como uma cidade que encerra em si saberes tradicionais, com um longo legado constituído desde suas origens advindo primeiramente da transmissão oral, como citado durante o trabalho, principalmente no que tange às trocas de saberes realizados entre colonizadores e colonos nos primeiros anos.

Recorrendo historicamente às características da cidade litorânea percebe-se a intrínseca permanência das transmissões de saberes transmitidos propriamente de forma oral através do dia-a-dia dos povos nativos.

A transgeracionalidade da pesca na cidade se constitui primeiramente de saberes tradicionais transmitidos além de gerações que possuem um parentesco entre si, grande parte dessas redes de transmissão são formadas por avós, pais, primos, sobrinhos e filhos.

Em grande parte, o que pude perceber é que parece existir um rito de transmissão, esse “rito” toma por protagonistas os homens da família e entre eles parece permanecer, pois em grande parte, as mulheres não fazem parte do processo transgeracional do saber da pesca dentro das famílias de pescadores, e caso exista uma transmissão desses saberes da pesca para mulheres, ela é feita de forma muito silenciosa. Por outro lado, esse já citado “rito” inicia-se com os meninos muito novos e se constrói ao longo dos anos de formação do rapaz, levando-o a construir seu saber da pesca através dos contatos com lugares, práticas e outros pescadores. Assim esse menino/rapaz assume em distintos véis um saber transgeracional, um legado familiar, e tem como função principal assegurar as novas gerações o saber de sua família, seu legado familiar.

Assim, a pesca litorânea na cidade reafirma-se como uma atividade de preponderância familiar e masculina como citado pelos entrevistados, como por exemplo, o relato de “Victor” - *Outra questão, é que desde pequeno vivi na beira do Cais... vendo meu pai, tios e avô chegarem das pescarias (...)*, assim, as principais formas de transmissão constroem-se na relação estabelecida entre membros de um grupo familiar.

A transmissão ocorre no cotidiano, no convívio, na oralidade, onde cada indivíduo do grupo tem seu papel a desempenhar na transmissão do saber para as próximas gerações, e esses saberes desenvolvem-se ao longo dos anos formando uma identidade que registra e identifica o contexto próprio dos indivíduos do mar. Dentro das possibilidades de transmissão estão as práticas de conversas familiares, as experiências compartilhadas por pescadores mais velhos, de rodas de pescadores, de vida no mar, de sentimentos emocionais e memoriais vinculados à pesca. Estão também as observações dos mais velhos em suas práticas cotidianas, esses constituem os exemplos transgeracionais mais próximos do saber pesqueiro que é transmitido entre pais e filhos e outros parentes do grupo.

Esses exemplos transgeracionais citados anteriormente formam uma evidente característica apresentada através das falas dos meus entrevistados, que consideram a própria formação e concepção, e a construção dos próprios saberes atrelados à pesca, frutos de uma combinação familiar e de intervenções práticas realizadas através da influência e participação de uma múltipla composição de pessoas pertencentes a um grupo familiar e de proximidade.

Outra percepção para além das tramas transgeracionais familiares que constituem e englobam o mundo dos pescadores é observar que as influências dos setores econômicos, sociais, culturais e familiares constituem a relevância para a continuidade da prática do saber pelas futuras gerações do grupo familiar. Para, além disso, vale ressaltar na conjuntura das realidades da cidade de Porto Seguro, a preponderância e o peso que o turismo exerce sobre as populações nativas que acabam por contribuir para a permanência ou rompimento das transmissões geracionais como aconteciam nas gerações anteriores.

A transgeracionalidade tem sobrepujado ainda assim as lógicas locais, e de forma resistente e resiliente permanecido nas famílias locais e nativas, para esse tipo de transmissão subsistem adaptação e transformação dos “modos de passagem”, entre os quais, a passagem dos saberes é realizada de forma a não condicionar os indivíduos receptores à prática profissional, questão vinculada à problemas socioeconômicos e aos riscos de vida desses pescadores no mar.

O que considero conclusivo, é que as famílias de pescadores da cidade continuam a transmitir seus saberes transgeracionais relativo às permanências, pode-se dizer que a forma da transmissão permanece em grande parte oral e masculina, reproduzindo as mesmas formas de transmissões anteriores, por outro lado existem vicissitudes (rupturas) no formato da transmissão do saber e até mesmo da prática, e em grande parte, essas rupturas são causadas pelas transformações ocorridas pelo advento do turismo e pelas mudanças ambientais.

REFERÊNCIAS:

ANDREOLI, Vanessa Marion. **Diálogos entre os conhecimentos tradicionais e as práticas conservacionistas da natureza:** Uma possível abordagem. Sociologia & Política – I seminário Nacional sociologia & Política. UFPR, 2009. ISSN 2175 -6880.

BAHIA - TURISMO, 2016. Disponível em: < <http://www.bahia-turismo.com/porto-seguro/centro-historico.htm>> Acesso em 16 de setembro de 2016.

BARROS, H.G. (1885) - *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*. Tomo II, 413p., Academia Real das Ciências, Lisboa, Portugal.

BARROS, H.G. (1914) - *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*. Tomo III, 898p., Tip. Castro Irmão, Lisboa, Portugal.

BENINCÁ, C. R. S. (1997). **Percepção do relacionamento familiar:** um enfoque trigeracional. *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*, ano 13, n. I e II, pp. 41-53.

BENINCÁ, C. R. S. e Gomes, W. B. (1998). **Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações.** *Estudos de Psicologia*, v. 3 n. 2, pp. 177-205.

CANCELA, Francisco. A presença de não índios nas vilas de índios de porto seguro: **relações interétnicas, territórios multiculturais e reconfiguração de identidade - reflexões iniciais.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, V.1, n.1, p.42-61, jul. / dez. 2007.

CANCELA, Francisco. De volta ao tema da primeira prisão da Inquisição no Brasil: **balanço historiográfico e novos olhares sobre a experiência de Pero do Campo Tourinho.** Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA Nº 01 – Ano I – agosto/2010.

CTBCTP – Cartilha para Trabalho de Base da Campanha pelo Território Pesqueiro. Campanha Nacional pela regularização do Território das Comunidades tradicionais Pesqueiras. (Org.): Movimento dos pescadores e pescadoras artesanais – Brasil.

DAMASCENO, Maria Nobre. **O saber social e a construção da identidade.** *Contexto & Educação*, UNIJUÍ, ano 9, n. 38, p. 19-39, abr./jun. 1995.

DIEGUES, Antonio Carlos. 2004. **Conhecimento tradicional e apropriação social do ambiente marinho.** In: RODRIGUES, Ecio et al. (Org.). Roteiros metodológicos: Roteiros metodológicos: pano de manejo de uso múltiplo das reservas extrativistas federais. Brasília, DF: MMA-IBAMA-CNPT.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A Sócio - Antropologia Das Comunidades De Pescadores Marítimos No Brasil**. Centro de Culturas Marítimas – CEMAR/NUPAUB Universidade de São Paulo (Brasil).

DIEGUES, Antonio Carlos e ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira (orgs.). Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. São Paulo: NUPAUB-USP: MMA, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Pescadores, sítiantes e trabalhadores do mar**. Dissertação (Mestrado) – USP, São Paulo, 1977.

_____, 1983, **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática.

_____, 1995, **Povos e Mares: Leituras em Sócio - Antropologia Marítima**. São Paulo: Nupaub.

FALCKE, Denise & WAGNER, Adriana. **A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade**: definição de conceitos: In: Wagner, Adriana (org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FONTANA, Romeu. **Porto Seguro, Memória photographica**. Porto Seguro – Ba, 2004 – ed. Correios.

GARCIA et al. **Educando meninos e meninas**: Transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. Maringá, v. 24, n. 1. Psic. da Ed., São Paulo, 25, 2º sem. de 2007, pp. 93-112.

HISTORIAZONE, 2016. Disponível em: < <https://historiazine.com/as-capitanias-hereditarias4f470ec4a7b3?gi=9a5217e57ad>> Acesso em 16 de setembro de 2016.

IBGE, 2010. Disponível em: < <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/portoseguro.pdf>> Acesso em 11 de setembro de 2016.

IBGE, 2016. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=292530>> Acesso em 11 de setembro de 2016.

_____, Localização Costa do Descobrimento – Porto Seguro (IBGE, 2016) - Fonte: WIKIPEDIA, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016.

_____, Principais economias de Porto Seguro – Bahia. (IBGE, 2016) - Fonte: IBGE, 2016. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=292530>> Acesso em 11 de setembro de 2016.

IMPALA. Vista aérea do centro de Porto Seguro – Porto Seguro (2015). Fonte: IMPALA. Disponível em: <http://www.aproximaviagem.pt/n5/08_portoSeguro.html> Acesso em Set. 2016.

ITURRA, R. (Org.). **O saber das crianças**. Setúbal: ICE, 1996.

LITTLE, Paul E. **Etnodesenvolvimento local**: autonomia cultural na era do neoliberalismo global. *Tellus*, ano 2, n. 3, p. 33-52, out.2002 Campo Grande – MS.

MACEDO, R. M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, n. 91, nov.

MALDONADO, S. C. (1986). *Pescadores do mar*. São Paulo, Ática (Série Princípios).

MARQUES, J. G. W. 2001. **Pescando Pescadores**: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica. São Paulo: NUPAUB-USP.

MEDEIROS, C.A. (2006) - As Pescas. In: C.A. Medeiros (dir. e coord.), *Geografia de Portugal, vol. III: Atividades Económicas e Espaço Geográfico*, pp. 154-171, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, Portugal. ISBN: 978-9724236575.

MIRANDA, Sarah Siqueira de. Aprendendo a ser pataxó: **Um olhar etnográfico sobre as habilidades produtivas das crianças de Coroa Vermelha, Bahia**. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Antropologia e Etnologia. Salvador, 2009.

MUSSOLINI, G. 1977. **Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro**. In: SCHADEN, Egon (Org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil* Petrópolis: Editora Vozes. Seleções da Revista de Antropologia 1972.

MORAES, Sérgio Cardoso de. **Saberes da Pesca** – Uma arqueologia da ciência da tradição. Natal, 2005. Tese de doutorado em educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais e Aplicada.

NOBRE, Padre Antônio. *Narrativas e Lendas de Porto Seguro – estórias que ouvi contar*. Ed. Todas as falas. Porto Seguro – Ba, 2012.

PAIOLA, L. M. e TOMANIK, E. A. (2002). Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal em uma região ribeirinha do rio Paraná. *Acta Scientiarum*, v. 24, n. 1, pp.175-180.

PIB SOCIOAMBIENTAL, 2016. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tupinamba/2202>> Acesso em 23 de setembro de 2016.

PMMA, Porto Seguro. **Plano Municipal de Conservação da Mata atlântica de Porto Seguro - Bahia**. Porto Seguro, 2014.

RAMALHO, Cristiano Wellington N. O mundo das águas e seus laços de pertencimento. In: **Raízes**. Campina Grande. Vol. 23, Nºs 01 e 02. Pags 62/72. Jan-dez, 2004.

REIS, Antonio Matos. Entre o sucesso e a desgraça: **Pero do Campo Tourinho, fundador de Porto Seguro**. Centro cultural do Alto Minho, Edição. Viana do Castelo, 2000.

RODRIGUES, Adenil Alves & MARTINS, Egídio. **OS SABERES DOS PESCADORES DA COLÔNIA DE PESCADORES ARTESANAIS Z-16 DE CAMETÁ-PA CONSTRUÍDOS A PARTIR DAS RELAÇÕES DO TRABALHO DA PESCA**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis

SALDANHA, Mayara Araújo e LARA, Isabel Cristina Machado de. **O PROCESSO DE GERAÇÃO DOS ETNOSABERES DOS PESCADORES ARTESANAIS DA ILHA DA PINTADA**. 6º SBECE E 3º SIECE – EDUCAÇÃO, TRANSGRESSÕES E NARCISISMO - PUCRS.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. **Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do território Pataxó de Monte Pascoal**. In: ESPÍRITO SANTO, Marco Antônio do. Política indigenista: leste e nordeste brasileiros. Brasília: Ministério da Justiça; FUNAI, 2000.

Santos MPND, Seixas S, Aggio RBM, Hanazaki N, Costa M, Schiavetti A, Dias JA, Azeiteiro UM (2012) A pesca enquanto atividade humana: pesca artesanal e sustentabilidade. **Revista de Gestão Costeira Integrada** 12(4): 405-427.

SILVA, Ana Paula da. **Memória Oral e Patrimônio indígena no Brasil nas crônicas do século XVI**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SILVESTRI, F.; VILAR, T. C. **O conhecimento dos índios pataxós da terra indígena barra velha (porto seguro, BA) sobre aspectos ecológicos relacionados à pesca**. Minas Gerais: 2007.

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista**. Anuário Antropológico 84. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

UFBA, 2013. Disponível em: < <http://www.lec-ufba.org/projetos/costas-da-bahia.html>> Acesso em 10 de setembro de 2016.

_____, Mapa adaptado das costas da Bahia (UFBA - IGEO, 2013) - Fonte: UFBA, 2013. Disponível em: < <http://www.lec-ufba.org/projetos/costas-da-bahia.html>> Acesso em 10 de setembro de 2016.

VASCONCELLOS, Marcelo. DIEGUES, Antonio Carlos. SALES, Renato Rivaben de. **Alguns Aspectos Relevantes Relacionados À Pesca Artesanal Costeira Nacional**. Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República SEAP/PR – PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 1991.

VEIGA-NETO, A.; NOGUEIRA, C. E. Conhecimento e saber: apontamentos para os Estudos de Currículo. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 67–87.

VIANNA, Bruno in **Projeto coral vivo**: do resgate da tradição da pesca a estudos inovados com larvas recifais. Porto Seguro – BA, Nº28, outubro a dezembro de 2014.

VIEIRA, R. **Etnobiografias e descoberta de si**: uma proposta da Antropologia da Educação para a formação de professores para a diversidade cultural. *Proposições* | v. 24, n. 2 (71) | p. 109-123 | maio/ago. 2013.

WIKIPEDIA, 2013. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitania_de_Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016.

WIKIPEDIA, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016.

_____, Mapa das capitâncias hereditárias (2013) - Fonte: WIKIPEDIA, 2013. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitania_de_Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016.

_____, Cidade Alta – Cidade Histórica – Porto Seguro (2013) - Fonte: WIKIPEDIA, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016.

_____, Mapa de localização geográfica de Porto Seguro – Bahia (WIKIPÉDIA, 2016) - Fonte: WIKIPEDIA, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Seguro> Acesso em 09 de setembro de 2016.